



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA COGNITIVA

DÉBORA ALVES DE AMORIM

**AVALIAÇÃO DO NEUROTICISMO PELO PROCESSAMENTO
COGNITIVO IMPLÍCITO**

Recife
2022

DÉBORA ALVES DE AMORIM

**AVALIAÇÃO DO NEUROTICISMO PELO PROCESSAMENTO
COGNITIVO IMPLÍCITO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Psicologia Cognitiva. Área de concentração: Psicologia Cognitiva

Orientador (a): José Mauricio Haas Bueno

Coorientador (a): Renata Maria Toscano Barreto Lyra Nogueira

Recife

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Valdicéa Alves Silva, CRB4-1260

A524a Amorim, Débora Alves de
Avaliação do neuroticismo pelo processamento cognitivo implícito /
Débora Alves de Amorim – 2022.
104f. : il.; 30 cm.

Orientador (a): Prof. Dr. José Mauricio Haas Bueno.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva, Recife, 2021.
Inclui referências e anexos.

1. Psicologia cognitiva. 2. Emoções negativas. 3. Avaliação do traço
de personalidade neuroticismo. 4. Pensar sobre algo. I. Bueno, José
Mauricio Haas (Orientador). II. Título.

153 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2022-057)

DÉBORA ALVES DE AMORIM

**AVALIAÇÃO DO NEUROTICISMO PELO PROCESSAMENTO COGNITIVO
IMPLÍCITO**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Psicologia Cognitiva. Área de concentração: Psicologia Cognitiva

Aprovada em: 13/05/2020

BANCA EXAMINADORA

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Profa. Dra. Aline Mendes Lacerda (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Profa. Dra. Angélica Maria Ferreira de Melo Castro (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Alagoas

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes (Examinador Externo)
Universidade Federal de Santa Catarina

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Evandro Morais Peixoto (Examinador Externo)
Universidade São Francisco

POR VÍDEOCONFERÊNCIA

Prof. Dr. Josemberg Moura de Andrade (Examinador Externo)
Universidade de Brasília

Dedico este doutorado ao meu pai, **Rui Amorim** (*in memoriam*), a minha mãe, **Aparecida** e a minha irmã, **Bárbara**, meus maiores incentivadores e exemplos.

AGRADECIMENTOS

Ensaiei mentalmente tantas vezes este momento que agora que preciso transpor ao papel, as palavras me faltam. Usarei esta seção da tese como a menos científica possível, pois ao finalizar um processo tão longo e cheio de dores e delícias, o que direciona minha escrita é a emoção.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por sempre me sustentar e guiar os meus passos. A fé que deposito Nele me faz acreditar que tudo posso e nada acontece ao acaso. Sinto e experimento o seu agir em tudo o que faço e nesta jornada não seria diferente.

Ao meu pai, Rui Amorim, que não está mais presente fisicamente neste plano, mas que me deixou abastecida com seu amor e sua crença incondicional no meu potencial. Todos os dias lembro de seus ensinamentos, da sua humildade e honestidade. A saudade tem sabor de gratidão.

A minha mãe, Aparecida, sem a qual não consigo imaginar ser possível ter conquistado um terço do que conquistei. Quilômetros de distância nos separava, mas sua sabedoria e equilíbrio foram fundamentais para minha trajetória. Juntas enfrentamos sufocos, celebramos as conquistas, enxugamos as lágrimas. Minha eterna gratidão e amor a sua disponibilidade incondicional.

A minha irmã, Bárbara, que me ensina todos os dias, com seu enorme coração, a ser uma pessoa e profissional melhor. Me espelho no seu caminho profissional e me inspiro na sua paixão e responsabilidade pelo que faz. O olhar de admiração que ela me direciona me motiva a crer que sempre posso ir além.

Aos demais membros da minha família, sempre carinhosos e confiantes, agradeço através da figura de duas pessoas especiais: nossa matriarca, minha avó, Dita, uma das mulheres mais fortes e guerreiras que conheci. Apaixonada pela educação e seu poder transformador, plantou esta semente em nossos corações, ensinando que não há poder mais transformador que o conhecimento, e a minha prima irmã Daniela, com quem tantas vezes dividi não só a rotina de doutoranda, mas a cama, o lanche, o uber, o netflix, a vida. Seu lindo coração sabiamente sempre me reabastece com risadas, amor e palavras de incentivo.

Ao meu amor, Arthur, por me ensinar todos os dias que tempo e distância são relativos, agradeço por acreditar e admirar tudo o que faço, por me ajudar a não

desistir, me fazer companhia nos momentos difíceis e me ajudar na construção de novos planos e sonhos.

Aos meus amigos, como sou feliz por tê-los. São eles que me ajudaram a manter a sanidade em meio ao desespero dos prazos, dos erros, das dificuldades na vida acadêmica e pessoal.

Em especial, minha gratidão aos colegas que compartilham comigo da vida na pós-Graduação: minha amiga de turma Johana, com quem dividi não só almoços no chinês, mas lágrimas, risadas e fé. Johana me ensina todo dia sobre como amar cada vez mais a Deus. Meus amigos da “bagaça de Portugal”, presentes que ganhei no período de Doutorado Sanduíche e que levarei sempre junto a mim: Jéssica, Fander, Mika e Izabela.

Aos colegas do Núcleo de Estudos em Avaliação Psicológica – NEAP pelas trocas de experiências e as contribuições ao longo do processo, em especial a Emily, Fernanda e Emanuel.

Emily é uma amiga que sem sombra de dúvidas levarei para vida, sem ela essa jornada teria sido absurdamente mais difícil. Juntas dividimos as angústias, os medos, as conquistas. Ela é a responsável por eu precisar limpar minha caixa de mensagens do whatsapp regularmente pelos nossos infinitos minutos de áudios trocados. Ela é suporte, força e inspiração. Fernanda, mais uma preciosidade que ganhei. Sempre carinhosa, atenciosa e com as melhores palavras para me fazer crer que eu podia e devia continuar. Aprendo com sua firmeza, com sua fé e com seu modo de acreditar que não precisamos de muito para sermos felizes nesta vida e por fim, literalmente, pois ele chegou a pouco tempo no nosso grupo, Emanuel, que não fez parte de toda a minha trajetória, mas que me garantiu boas risadas e raivas na etapa final. Competente, empenhado e disponível, obrigada pela parceria.

Ao meu incrível orientador, professor Dr. José Maurício Haas Bueno, por me ensinar que apesar de dura, a produção científica no Brasil pode ser prazerosa e engraçada. Seu dinamismo, nos contagia e seu equilíbrio e confiança no nosso potencial nos impulsiona a inovar e conquistar coisas novas. Uma das maiores gratidões neste processo é saber que ganhei um orientador com ensinamentos acadêmicos e de vida, com quem fazemos cálculos estatísticos ao mesmo tempo que rimos das odisséias da vida.

Aos demais professores, colegas e funcionários da Pós-graduação em psicologia Cognitiva da UFPE pelo apoio e incentivo, possibilitando o debate, a construção e a reconstrução sobre o que compõem a Psicologia e a vida acadêmica.

A todos os voluntários que se disponibilizaram a fazer parte da minha pesquisa e a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para concretização desse trabalho.

Agradeço a CAPES, pela bolsa concedida.

Por fim, agradeço a vida, por me ensinar que ela não para enquanto tento ser doutora. Ela continua e ensina, se estivermos dispostos a enxergar, que as coisas acontecem e passam. As vezes por cima de nós, mas passam, por isso é tão precioso aproveitá-las.

RESUMO

As tradicionais formas de mensuração da personalidade fazem uso de medidas explícitas, tais como os questionários de autorrelato. Estas medidas são suscetíveis à influência da deseabilidade social e podem inibir e/ou enviesar os resultados. Como alternativa, buscando controlar a tendência para respostas subjacentes, outras formas de mensuração veem sendo utilizadas. A presente tese teve como objetivo construir e buscar evidências de validade de um Teste de Associação Implícita para avaliação do traço de personalidade neuroticismo, fundamentado na Teoria dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. O neuroticismo diz respeito a tendência de experimentar emoções negativas. Pontuações altas neste fator indicam uma tendência de experimentar emoções negativas e pontuações baixas sugerem uma personalidade emocionalmente mais estável. Buscou-se verificar a possibilidade de avaliação do neuroticismo através do processamento cognitivo utilizado na execução do teste. Especificamente, foram investigadas evidências de validade com base na estrutura interna do instrumento e evidências de validade com base na relação com variáveis externas, a saber, uma medida explícita para avaliação do neuroticismo e medidas explícitas para avaliação de desempenho cognitivo. Participaram da pesquisa 100 voluntários (n=100) com idade acima de 18 anos (m= 23,98; DP = 4,40). Foi utilizado o software Inquisit para apresentação dos estímulos e mensuração do tempo de reação manual. A análise fatorial exploratória para o TAI-Neuroticismo indicou a unifatorialidade do instrumento. Esta identificação constata que os itens estão organizados de acordo com as previsões teóricas. O estudo que investigou a validade convergente do instrumento com uma medida explícita para neuroticismo indicou que houve maior número de correlações significativas entre as medidas implícitas e a explícita de neuroticismo. Os resultados do estudo que tratava de uma validade discriminante entre o TAI e outros instrumentos de desempenho cognitivo utilizados para medir atenção, memória e raciocínio verbal apontaram predomínio de correlações não-significativa embora tenha ocorrido algumas correlações positivas significativas, mas de baixa magnitude. Considera-se que esta tese cumpriu com seus objetivos, construindo a medida implícita para avaliação do neuroticismo, demonstrando sua aplicabilidade e representando um novo processo de avaliação para investigação da personalidade.

Palavras-chave: neuroticismo; teste de associação implícita; processamento cognitivo.

ABSTRACT

Emotional perception involves identifying emotions in other people through facial expressions and detecting its intensity. Emotions are a complex reaction pattern, through which people try to deal with a theme or situation which is considered significant to them. They are composed of four dimensions: (1) arousal (excitement generated by the intensity of physiological reactions); (2) valence (pleasant or unpleasant sensation caused by the emotional experience); (3) potency (sensation of a person feeling under control, dominant or submissive or controlled) and (4) surprise (evaluation of unpredictability). This thesis aimed to build and investigate the psychometric properties of a test to assess the emotional dimensions of fear (TPDE-M). This is an instrument composed of eight stimuli of facial expressions of fear, in which the four dimensions must be evaluated on a Likert scale of four points. Specifically, evidence of validity based on the internal structure was sought, together with the reliability indexes of the factors obtained (study 1) and evidence of validity of the intensity scores of emotional dimensions perception based on the relations with external variables (study 2). The sample of study 1 was composed by 726 participants, aged between 18 and 70 years, with an average of 26.07 years ($SD = 9.36$), being mostly students (48.5%) with complete or incomplete higher education (68.6 %). 522 of them also participated in the study 2. In study 1, only the TPDE-M and a sociodemographic questionnaire were used. These instruments were also used in study 2, together with the Emotional Competence Inventory (ICE), the Emotional Understanding Test (TCE), the Emotional Regulation Test (TRE), the Abstract Reasoning Test and the Five Great Factors Inventory of Personality (IGFP-5). In the confirmatory factor analysis, a structure with four factors (related to the four emotional dimensions) was found with lower adjustments, but close to what was expected. In Pearson's r correlation analyzes, the results indicated moderate correlations with reasoning and emotional regulation measures and weak correlations with the other measures. Based on theoretical assumptions and evidence verified in other empirical studies, it is considered that TPDE-M has good psychometric properties.

Keywords: neuroticism. implicit association test. cognitive processing.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Ilustração da dinâmica experimental de um TAI	45
Figura 2 –	Blocos que constituíam o teste de avaliação da faceta ansiedade	60
Figura 3 –	Ilustração da dinâmica experimental do TAI-Neuroticismo	61
Figura 4 –	Modelo de processo comportamental da personalidade	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados referentes aos Alfa de Cronbach	64
Tabela 2 – Valores de correlação de Pearson's – TAI-Neuroticismo	66
Tabela 3 – Análise Fatorial Exploratória – TAI-Neuroticismo	67
Tabela 4 – Correlação entre medida implícita e medidas explícitas de Neuroticismo	69
Tabela 5 – Modelo de regressão para predição do TAI-Neuroticismo	70
Tabela 6 – Modelo de regressão para predição da medida explícita de extroversão	71
Tabela 7 – Modelo de regressão para predição da medida explícita de neuroticismo	71
Tabela 8 – Correlação entre medida implícita e medidas explícitas de processos cognitivos	72

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	REVISÃO DE LITERATURA	18
2.1	PERSONALIDADE	18
2.1.1	Conceito de Personalidade	18
2.1.2	Traços de Personalidade	21
2.2	O MODELO DOS CINCO GRANDES FATORES DE PERSONALIDADE	25
2.2.1	Descrição das cinco dimensões	28
2.2.2	O estudo do neuroticismo	31
2.3	MEDIDAS EXPLÍCITAS E MEDIDAS IMPLÍCITAS	35
2.3.1	Processos cognitivos envolvidos na mensuração implícita	38
2.3.2	Teste de Associação Implícita	43
2.3.2.1	Tempo de Reação	47
2.3.3	Avaliação de personalidade através de medidas implícitas	49
3	OBJETIVOS E HIPÓTESES	53
4	MÉTODO	54
4.1	PARTICIPANTES	54
4.2	INSTRUMENTOS	54
4.2.1	Medidas explícitas	54
4.2.2	Medidas implícitas	57
4.3	PROCEDIMENTOS	60
4.4	ANÁLISE DE DADOS	62
5	RESULTADOS	63
5.1	REVISÃO DA CONFIABILIDADE DOS INSTRUMENTOS	63
5.2	EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO TESTE DE ASSOCIAÇÃO IMPLÍCITA PARA O FATOR NEUROTICISMO - TAI – NEUROTICISMO	65
5.2.1	Buscas de evidências de validade com base na estrutura interna	65
5.2.2	Buscas de evidências de validade com base na relação com variáveis externas	68

6	DISCUSSÃO	73
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	85
	REFERÊNCIAS	87
	APÊNDICE	102

1 INTRODUÇÃO

A investigação científica do construto personalidade destaca-se como área de grande interesse no campo da Psicologia e, em especial, na área da Avaliação Psicológica. A personalidade representa padrões de atitudes e comportamentos que são característicos de um determinado sujeito, trazendo traços que possibilitam diferenciá-lo de outro indivíduo (Rebollo & Harris, 2006). Independente do modelo teórico subjacente, os estudos sobre a personalidade dedicam-se a considerar a totalidade do funcionamento psicológico do sujeito, ainda que as suas análises possam variar. No que diz respeito a sua avaliação, os testes psicológicos representam a maneira mais usual, sendo frequentemente utilizados na prática dos psicólogos em variados contextos, tais como áreas clínicas, organizacionais, escolares e jurídicas (Noronha & Vendramini, 2003).

Nesse contexto, avaliar a personalidade para os profissionais da área ainda é um desafio em diversos aspectos, tais como, os diferentes métodos considerados adequados para esta finalidade, e a carência de instrumentos nacionais validados (Trentini et al, 2009). Destaca-se ainda que a personalidade representa um construto com tendências para respostas subjacentes, uma vez que apresenta um caráter que não é diretamente observável, impossibilitando a sua mensuração direta, sendo realizadas inferências de acordo com as respostas declaradas ou implícitas, sejam elas verbais ou não verbais (Krosnick, Judd, & Wittenbrink, 2005). Dois tipos de instrumentos têm sido tradicionalmente usados para a avaliação da personalidade: as medidas de autorrelato e as técnicas projetivas.

As entrevistas, os inventários e as escalas representam tipos de medidas de autorrelato, e têm sido um dos meios mais utilizados para a avaliação da personalidade, considerando a sua aplicação e correção, as quais são rápidas e

práticas, o que favorece os estudos com grandes amostras (Carvalho, Bartholomeu & Silva, 2010). Baseiam-se nos princípios da psicometria, consistindo em tarefas estruturadas, com limitadas alternativas de resposta e resultados expressos em números, sendo assim, o fenômeno psicológico é quantificado (Pasquali, 2003). Uma das limitações encontradas neste tipo de técnica é a possibilidade que o indivíduo tem de controlar e, em determinadas situações, manipular suas respostas, levando em consideração aspectos como a desejabilidade social.

As técnicas projetivas, por sua vez, podem ser representadas pelo Método de Rorschach, o Desenho da Figura Humana e o teste House-Tree-Person-HTP (Meyer & Kurtz, 2006), entre outras. As tarefas apresentadas preocupam-se com o processo psicológico e são pouco estruturadas. Por possuir uma metodologia de aplicação indireta, e permitir respostas livres, o examinando não tem controle sobre o que está sendo avaliado (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006). Neste tipo de técnica, são levantadas questões sobre os conceitos de validade e precisão e sobre a formação profissional para o uso adequado das técnicas, relacionada a não influência do avaliador na interpretação dos resultados (Cunha, 2006).

Neste sentido, visando superar essas limitações, buscam-se novas formas de avaliação, por exemplo, as que usam o processamento cognitivo implícito, capaz de captar aspectos inconscientes, cujas respostas são menos manipuláveis pelos sujeitos e não há interferência da subjetividade do avaliador. A investigação da possibilidade de avaliação de traços de personalidade através da observação do tempo de processamento cognitivo necessário para classificar palavras foi o tema desta tese. Essa possibilidade já foi investigada em outros países, mas não em língua portuguesa e por esta razão, se propôs a realização deste trabalho.

Não há, por exemplo, um instrumento de medida implícita que acesse o

processamento cognitivo utilizado na mensuração dos traços de personalidade desenvolvido em português, para o contexto brasileiro, com validade e fidedignidade. Isso dificulta consideravelmente o trabalho de investigação científica acerca do poder preditivo da cognição para o estudo da personalidade. Deste modo, a proposta central deste trabalho foi construir um Teste de Associação Implícita para avaliação do fator *neuroticismo* de personalidade, e investigar a sua validade, bem como as suas correlações com outras medidas.

O processo de construção de um instrumento é bastante complexo. No caso deste trabalho, trata-se de um instrumento cuja eficácia ainda não se encontra bem estabelecida no meio científico, embora já apresente estudos com excelentes resultados. Por esta razão, a construção de um instrumento de medida implícita computadorizado para avaliar o processamento cognitivo envolvido na investigação do neuroticismo foi um desafio científico muito interessante, com resultados apresentados a seguir.

O trabalho desenvolvido na construção desta tese será apresentado em sete capítulos. O primeiro capítulo é este, no qual consta a introdução e problematização do estudo. O segundo capítulo constitui a revisão de literatura acerca dos conceitos investigados. O terceiro capítulo aborda os objetivos gerais e específicos do estudo, bem como as hipóteses. No quarto capítulo é descrito o método de pesquisa. O quinto capítulo contempla os resultados obtidos. No sexto capítulo foram discutidos os resultados e no sétimo e último capítulo foram feitas as considerações finais.

Se faz relevante destacar o impacto social da execução deste trabalho no exercício profissional do psicólogo, considerando as dificuldades enfrentadas na avaliação dos traços de personalidade realizadas, em sua maioria, através de instrumentos passíveis de manipulação, como os de autorrelato e instrumentos

específicos de uma corrente teórica e de caráter subjetivo, tais como os testes projetivos. Além disso, destaca-se também a contribuição do ponto de vista científico, uma vez que, para a Psicologia Cognitiva, é interessante verificar como a velocidade de processamento pode ser útil para a avaliação da personalidade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 PERSONALIDADE

2.1.1 Conceito de Personalidade

A personalidade representa um construto que provoca diversas discussões na literatura psicológica (Andrade, 2008; Schultz & Schultz, 2006). Há muitos anos desenvolvem-se pesquisas voltadas para esta temática a partir de diferentes abordagens, logo, a personalidade recebeu nesse processo uma série de definições. Esta diversidade de definições pode gerar confusões entre o conceito do que é personalidade com outros aspectos externos, tais como reputação. De modo geral, as pessoas descrevem as outras com base em adjetivos os quais refletem atributos pessoais específicos, como por exemplo, simpático ou alegre. Tais adjetivos, na maioria das vezes, associam-se a imagem pública deste indivíduo (Akhtar, Ahmetoglu & Chamorro-Premuzic, 2013).

Muito disto se deve a etimologia da palavra, *persona*, que significa uma máscara utilizada por atores no teatro grego para representar suas emoções. No latim clássico se traduz personalidade como “máscara”, denotando um aspecto externo ao sujeito (Allport, 1973). Esta relação entre personalidade e máscara marcou inúmeros debates na área gerando a concepção de que a personalidade humana seria facilmente falseável, tal como no teatro (McCrae, 2006).

Definir a palavra personalidade é uma complexa tarefa. Não existe uma definição absoluta ou universalmente aceita. Cotidianamente, ela pode ser representada como algo que faz o indivíduo ser quem é, que o distingue de outras pessoas e o torna único. Segundo Caprara e Cervone (2000) a personalidade faz referência a uma complexidade de sistemas psicológicos que contribuem para a unidade e a continuidade na conduta e experiência do indivíduo, representando tanto

como ele se expressa, como também como é percebido por si mesmo e pelos outros. De modo geral, a ciência da personalidade busca explicar as regularidades e consistências do comportamento humano, surgindo assim, a necessidade de teorias sistematizadas, que respondam as perguntas acerca deste construto.

Allport (1966) representa um teórico de grande destaque na área. Ele identificou mais de 50 definições do termo “personalidade”, destacando que este alto número dificultava a conceitualização. Segundo o autor, a personalidade é caracterizada como “a organização dinâmica, no indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seu comportamento e seus pensamentos característicos” (Allport, 1966, p.50). Porém, considerando que cada teoria psicológica difere em sua definição, se faz relevante conhecer um pouco algumas delas.

Diferentemente de outras áreas da psicologia, os primeiros estudos acerca da personalidade possuíam um caráter especulativo, baseado na observação sistemática. Destaca-se que a compreensão acerca do desenvolvimento da teoria da personalidade remete a observação das concepções de homem propostas por grandes estudiosos clássicos, tais como Hipócrates, Platão e Aristóteles e por diversos pensadores como Comte, Locke e Nietzsche. É possível observar suas ideias em formulações contemporâneas (Lundin, 1977; Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

No campo da investigação, o desenho das primeiras teorias da personalidade iniciou-se através das observações clínicas, com destaque para Charcot, Janet, Freud, Jung e Mc Dougall, os quais tinham como principal objetivo, determinar a natureza da teoria da personalidade. Estes teóricos, em sua maioria, eram formados em medicina e mantinham-se próximos dos dados clínicos e de suas próprias reconstruções criativas (Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

Na perspectiva da observação clínica, a psicanálise trouxe inúmeras contribuições. Segundo esta teoria, a personalidade humana seria basicamente determinada por impulsos inatos e por eventos no ambiente ocorridos durante os primeiros cinco anos de vida do indivíduo (Atinkson, Atinkson, Smith, Bem, Nolen-Hoeksema & Smith, 2002). Deste modo, a teoria psicanalítica interpreta o comportamento humano como consequência da interação entre motivos e pulsões inconscientes, havendo um processo no qual o sujeito organiza e estrutura os estímulos provenientes do ambiente.

Outra fonte de influência na teoria da personalidade é a tradição gestáltica, com destaque para William Stern. Os teóricos desta perspectiva focavam na unidade de comportamento, convencendo-se de que um estudo fragmentado de pequenos elementos do comportamento jamais poderia ser esclarecedor. Destaca-se ainda a influência da psicologia experimental e da teoria da aprendizagem, as quais permitiram o crescimento da pesquisa empírica e controlada, favorecendo uma visão mais detalhada de como o comportamento é modificado. A tradição psicométrica também foi responsável pelos avanços na teoria da personalidade. A mensuração e o estudo das diferenças individuais são o seu foco, proporcionando uma mensuração e análise quantitativa do comportamento mais sofisticada (Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

Além das áreas acima citadas, a antropologia também contribuiu com a teoria da personalidade, ao fornecer informações sobre a evolução humana e diferenças culturais. A genética e a fisiologia também desempenharam fundamental papel na busca pela identificação e descrição das características de personalidade, visando investigar a estrutura e funcionamento do cérebro por meio da ressonância magnética (Friedman & Schustack, 2004; Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

A presente tese foi realizada dentro da concepção psicométrica, a qual organiza a personalidade em traços. Esta concepção será melhor descrita na seção a seguir.

2.1.2 Traços de Personalidade

Um traço é um padrão consistente que regula o comportamento, pensamento e sentimento de um sujeito. Nesta perspectiva, o traço é visto como um conceito fundamental, sendo considerado por muitos teóricos como a unidade básica no estudo da personalidade (McAdams & Pals, 2007; Barenbaum & Winter, 2008; Akhtar, Ahmetoglu & Chamorro-Premuzic, 2013).

Deste modo, os traços determinam uma tendência ou predisposição para responder de uma certa maneira, sendo estas predisposições consistentes e duradouras (Engler, 2014). Por exemplo, ao descrever alguém como sendo simpático, não são feitas referências a situações específicas, mas sim, pensando no comportamento simpático deste indivíduo de modo geral e ao longo do tempo, ou seja, pressupõe-se a existência de consistência (Matthews, et al., 2009; Akhtar, Ahmetoglu & Chamorro-Premuzic, 2013).

Dois aspectos relacionados a consistência na personalidade são fundamentais na abordagem do traço: descrição e classificação. Estes aspectos relacionam-se com a possibilidade de descrever a forma como os indivíduos diferenciam-se uns dos outros e, conseqüentemente, classificá-los em conformidade. Esta abordagem de consistência refere-se a visão disposicional da personalidade, ou seja, ao fato de que as pessoas parecem predispostas a agir de forma consistente. Assim, as teorias disposicionais sugerem que a personalidade das pessoas permaneça estável ao longo do tempo e do espaço, deste modo, esta visão contrasta com as teorias que argumentam que as pessoas são influenciadas principalmente por experiências de

vida anteriores e pelo ambiente que se encontram (Akhtar, Ahmetoglu & Chamorro-Premuzic, 2013; Eysenck & Eysenck, 2013).

Um marco que formalizou e sistematizou o estudo da personalidade, tendo os traços como papel de destaque, foi a publicação do livro *Personality: A psychological interpretation*, por Allport em 1937. O autor considerou que os traços existem em todo indivíduo e funcionam como predisposições do sujeito para responder de modo igual ou semelhante a diferentes estímulos, produzindo comportamentos. Tais traços se inter-relacionam, mesmo que representem características diferentes e podem variar de acordo com as situações (Schultz & Schultz, 2006).

Allport diferenciou os traços como cardeais, centrais e secundários. O traço cardinal, por exemplo, expressaria uma disposição extremamente marcante na vida de um indivíduo influenciando todos os seus atos. Como exemplo dessa força poderosa que dominaria o comportamento, pode-se citar o patriotismo. Os traços centrais, por sua vez, expressariam uma variedade mais limitada de situações, e seriam exemplificados como sendo a honestidade, assertividade, bondade, entre outros. Por fim, traços secundários seriam menos generalizáveis, visíveis e consistentes (Pervin & John, 2004; Schultz & Schultz, 2006).

Para o teórico, a personalidade reflete a hereditariedade e o ambiente, considerando que a hereditariedade forneceria a matéria prima da personalidade, a qual poderia ser moldada, ampliada ou limitada pelas condições ambientais. Sendo assim, é possível fazer uma distinção entre traços individuais, característicos de uma única pessoa, e traços comuns, compartilhados entre muitas pessoas, em momentos diversos. Nesta perspectiva, os traços comuns são compartilhados por indivíduos de uma mesma cultura sendo reconhecidos e nomeados por todos.

Pode-se considerar, então, que os traços de personalidade assumem três funções significativas: o uso para resumir, prever e explicar a conduta de uma pessoa de forma econômica, resumindo o modo como os indivíduos se diferem; prever comportamentos futuros e; sugerir que a explicação para o comportamento do indivíduo seja encontrada nele próprio e não na situação, sendo assim, é sugerido um processo ou mecanismo interno que produz o comportamento (Pervin & John, 2004). Além de Allport, outros estudiosos dedicaram-se a investigar a personalidade, tais como Cattell, Eysenck e McCrae e Costa.

Cattell e Eysenck destacaram a existência de dimensões duradouras da personalidade. Segundo estes autores, através da técnica estatística da análise fatorial seria possível isolar e acessar tais dimensões. Cattell (1943), definiu ser possível prever como uma pessoa irá se comportar em uma determinada situação através da personalidade e, tal como Allport, baseou sua teoria no conceito de traços como estruturas mentais que representariam padrões de comportamento (Hall & Lindzey, 1985).

O autor buscou identificar os fatores ou traços básicos da personalidade e a partir dos resultados obtidos através do método de análise fatorial, o qual ele enfatizou basear-se em um método estatístico sem ideias pré-concebidas, ele propôs instrumento intitulado 16-PF, um questionário com 16 fatores de personalidade, a saber: expansivo – reservado; mais – menos inteligente; estável – sentimental; assertivo – humilde; despreocupado – moderado; consciencioso – evasivo; ousado – tímido; compassivo – determinado; desconfiado – confiante; imaginativo – prático; astuto – franco; apreensivo – plácido; inovador – conservador; auto-suficiente – dependente do grupo; controlado – descontraído e tenso – calmo. Estes fatores

buscavam atingir um conjunto consistente de itens capazes de medir objetivamente a personalidade (Friedman & Schustack, 2004; Nunes, 2005).

Além disso, debruçou-se sobre a investigação da influência da hereditariedade e do ambiente no desenvolvimento da personalidade e concluiu que, de modo geral, um terço da personalidade é determinado pela genética e dois terços determinados pelos aspectos ambientais e sociais (Schultz & Schultz, 2002; Schultz & Schultz, 2006). Eysenck, (1947), por sua vez, propôs que a personalidade corresponderia a um conjunto dos padrões de comportamento de determinado organismo e tais padrões seriam determinados por elementos hereditários e ambientais.

Suas ideias convergiam com as de Cattell no que diz respeito a composição da personalidade por traços ou fatores e, apesar de criticar o uso da análise fatorial considerando a subjetividade da técnica e dificuldade em reproduzir os resultados obtidos nas pesquisas de Cattell, ele fez uso da mesma adicionando estudos experimentais e testes de personalidade visando avaliar outras variáveis (Friedman & Schustack, 2004; Schultz & Schultz, 2006). Inicialmente o autor verificou em suas pesquisas duas dimensões básicas de personalidade: introversão – extroversão, que corresponde aos fatores expansivo – reservado e assertivo – humilde, propostos por Cattell, e neuroticismo, que faz referência aos fatores estável – sentimental e apreensivo – plácido, propostos por Cattell. (Pervin & John, 2004; Friedman & Schustack, 2004).

Em novos estudos, Eysenck acrescentou uma terceira dimensão, psicoticismo, altas pontuações nesta dimensão representavam indivíduos com tendência a psicopatologia. Esta dimensão corresponde aos fatores astuto – franco e compassivo – determinado, propostos por Cattell (Pervin & John, 2004). Segundo o autor, a predisposição para o indivíduo se comportar de uma entre as três dimensões

(introversão – extroversão; neuroticismo e psicoticismo) devia-se aos fatores biológicos e a identificação, em diversas culturas, destas três dimensões propostas por ele, reforça as evidências acerca da primazia dos fatores biológicos na formação da personalidade (Schultz & Schultz, 2006).

Diante do exposto, observa-se que os traços de personalidade correspondem a características do sujeito e suas tendências na forma de sentir e pensar, as quais podem se modificar de acordo com a interação com o meio social no qual o mesmo estiver inserido (Sisto & Oliveira, 2007). A proposta de traços de personalidade indica que a personalidade possui uma organização hierárquica e as pessoas possuem predisposições amplas para responder de maneiras específicas (Pervin & John, 2004). Deste modo, a personalidade pode ser identificada como uma variação individual, que se expressa por padrões de desenvolvimento e traços disposicionais (McAdams & Pals, 2006).

Os modelos apresentados nesta seção foram precursores dos cinco grandes fatores, que, por seu impacto e ampla utilização no meio científico, será descrito na próxima seção.

2.2 O MODELO DOS CINCO GRANDES FATORES DE PERSONALIDADE

Além das perspectivas teóricas citadas anteriormente, a pesquisa nesta área se fortaleceu e ganhou novas direções a partir do consenso sobre sua estrutura, obtido através do modelo fatorial baseado nos cinco fatores. É importante destacar que as cinco dimensões de personalidade não correspondem a uma teoria particular, elas resultam da análise dos termos da linguagem que os indivíduos utilizam nos seus ambientes naturais para descrever a si mesmo e aos outros (John & Srivastava, 1999).

Partindo da perspectiva psicométrica, o modelo dos Cinco Grandes Fatores da Personalidade (CGF), conhecido também como Big Five, corresponde a um dos mais

utilizados para descrever a estrutura da personalidade dentro da teoria dos traços, principalmente relativo à personalidade adulta (Silva & Nakano, 2011). Ele é considerado uma teoria explicativa e preditiva da personalidade humana e de suas relações com a conduta (Garcia, 2006). O modelo dos CGF não se desenvolveu partindo de uma perspectiva teórica, mas sim de uma abordagem indutiva, com a teoria emergindo da pesquisa. A pesquisa conta com base no estudo léxico, relacionado ao estudo da linguagem de uma determinada cultura, buscando-se compreender as dimensões que as pessoas utilizam ao fazerem referências sobre si e sobre os outros (Hutz e cols., 1998).

Concebido como um modelo compreensivo dos traços de personalidade, o modelo dos CGF é visto como uma base para a representação adequada da estrutura da personalidade (Pervin & John, 2004). Costa & McCrae (1992) apresentam argumentos que justificam os CGF como representantes das dimensões básicas da personalidade, destacando os resultados obtidos através de estudos longitudinais e de observação cruzada, os quais demonstram padrões de comportamento; o fato de se encontrar os traços referentes a cada fator em diversas teorias acerca da personalidade; a identificação dos fatores em diferentes nacionalidades, raças, sexos e idades, mesmo com variações culturais; e a base biológica sugerida pelas evidências de hereditariedade.

O modelo se torna importante principalmente por ter sido aplicado em amostras diversas, englobando diferentes culturas e através de abundantes fontes de informação, tais como a autoavaliação, a avaliação clínica e a avaliação por pares, demonstrando-se adequado para diferentes usos (Prinzle, Dekovic, Reijntjes, Stams e Belsky, 2009). Neste sentido, o interesse pelo modelo se deve a este acúmulo de

evidências de sua universalidade e aplicabilidade em diferentes contextos (Nunes & Hutz, 2007a).

Sendo assim, um modelo composto por cinco fatores de personalidade representa uma linguagem comum para psicólogos de diferentes tradições (Vasconcelos, Gouveia, Pimentel, e Pessoa, 2008). Esta linguagem propicia uma estrutura de organização de pesquisas natural, um guia para avaliar de modo compreensivo os indivíduos, sendo extremamente útil para o uso em diversas áreas: educacional, organizações e clínicas (Queiroga, 2002). Conforme afirmação de Pimenta e Donnell (2008), o modelo representa, nos últimos anos, um dos mais relevantes progressos no estudo da personalidade. Ele utiliza um modelo geral de taxonomia, empregando amplos fatores, os quais são formados por várias características, visando descrever a estrutura da personalidade a partir de dimensões.

Deste modo, possibilita a descrição da personalidade de uma maneira simples e elegante, uma vez que os outros modelos fatoriais disponíveis são maiores e mais complexos (Nunes, Hutz & Nunes, 2010). Além disso, o uso de um modelo composto por cinco fatores representa um avanço empírico e conceitual, tendo em vista que pesquisas demonstram que ao se avaliar os principais instrumentos de personalidade, independente da teoria que os fundamenta, a utilização da análise fatorial indica soluções compatíveis com o modelo dos Cinco Grandes Fatores (Hutz, Nunes, Silveira, Serra, Anton & Wieczorek, 1998; Nunes, Hutz & Giacomoni, 2009).

Embora a denominação dos fatores ainda não seja consensual, os traços de personalidade descritos pelo modelo e a sua forma de agrupamento, são equivalentes em diferentes abordagens. Neste sentido, os CGF parecem ser uma eficiente forma de agrupamento de traços comuns gerais e observáveis em todas as culturas, com suas possíveis diferenças sendo representadas nas subcamadas do modelo, ou seja,

nos subfatores das escalas e suas especificidades. Considerando que este estudo tem por objetivo a investigação de um fator específico do modelo (neuroticismo) e trabalhou com as especificidades de suas facetas, esta característica, bem como a reprodutibilidade em diversos contextos culturais, grande aceitação e utilização no meio científico do modelo, reforçou a escolha do mesmo para embasar o presente trabalho.

O modelo dos CGF corresponde a um modelo hierárquico frequentemente medido em dois níveis: nível inferior (traços específicos) e nível superior (cinco fatores amplos) (McCrae, 2006). A seguir os cinco fatores serão discutidos.

2.2.1 Descrição das cinco dimensões

O modelo CGF compreende que a personalidade reflete as diferenças nos âmbitos emocional, interpessoal, atitudinal e motivacional dos indivíduos, contribuindo para compreender porque as pessoas se comportam de diferentes maneiras (McCrae & John, 1992). São descritos cinco grandes fatores ou dimensões comuns entre os seres humanos, conhecidas como Big Five ou pelo acrônimo OCEAN (sigla com as iniciais em inglês): Abertura (Openness), também denominada intelecto; Conscienciosidade (Conscientiousness), também denominada Realização ou Escrupulosidade; Extroversão (Extroversion); Amabilidade (Agreeableness), também chamada de Cordialidade ou Sociabilidade; e Neuroticismo (Neuroticism), também identificado pelo seu polo oposto, a Estabilidade Emocional. Muitas vezes a literatura apresenta variação na tradução, o presente projeto optou pela seguinte classificação: abertura, conscienciosidade, extroversão, amabilidade e neuroticismo. Esses traços serão descritos a seguir.

Abertura

Este fator aborda comportamentos exploratórios e a valorização de novas experiências (Vasconcellos e Hutz, 2008). Indivíduos que apresentem baixos níveis neste fator, demonstram-se mais convencionais em suas atitudes, mais conservadores em suas preferências e menos flexíveis nas crenças. Altos índices, por sua vez, tendem a valorizar mais ideias e padrões não convencionais (Costa & Widiger, 1993). Também denominado de “cultura”, “imaginação” ou “intelecto”, altas pontuações nesta dimensão representam indivíduos imaginativos, originais, espirituosos e artísticos, além de descrever a abertura, profundidade e complexidade da mente humana (Andrade, 2008; Friedman & Schustack, 2004). De modo geral, esta dimensão avalia a atividade proativa, a apreciação da experiência por si só, tolerância e a exploração daquilo que não lhe é familiar. Indivíduos com altas pontuações podem ser identificados com adjetivos como curioso e criativo, ao contrário, adjetivos como convencional e sensato (Pervin & John, 2004).

Conscienciosidade

Representa o grau de persistência, controle, organização e motivação de uma pessoa para alcançar seus objetivos. Altos escores indicam pessoas pontuais, confiáveis, decididas, ambiciosas e perseverantes. Ao contrário, os baixos escores indicam pessoas descuidadas, preguiçosas, negligentes e não confiáveis (Santos, Sisto & Martins, 2003). Ele relaciona-se com a capacidade para estabelecer metas, se organizar, planejar e manter-se motivado para alcance de um objetivo determinado (Costa e McCrae, 2007).

Este fator também se caracteriza pelo controle de impulsos e o comportamento direcionado a um objetivo específico, o qual pode favorecer a execução de deveres

(Benet-Martínez & John, 1998). Nesta dimensão, é avaliado o grau de persistência e motivação do indivíduo no comportamento dirigido a um determinado objetivo, fazendo uma comparação entre pessoas obstinadas e pessoas apáticas (Pervin & John, 2004). O fator “Conscienciosidade” apresenta-se atualmente como bom preditor de desempenho nos níveis escolar e no trabalho (Freitas, Teixeira & Pasquali, 2005, Poropat, 2009).

Extroversão

Avalia-se nesta dimensão a quantidade e a intensidade das interações interpessoais, observando o nível de atividade, a necessidade de estimulação e a capacidade de se alegrar. Adjetivos como sociável, otimista, afetuoso, divertido e falante caracterizam pessoas que apresentam resultados altos neste fator (Pervin & John, 2004). Assim, este fator está relacionado a tendência para se comunicar, ser assertivo e interagir socialmente. As pessoas que apresentam escores elevados neste fator, tendem a gostar de conversar, optam por ambientes muito frequentados, possuem muitos amigos e gostam de situações desafiadoras (Golberg, 1992; Nunes & Hutz, 2002; Costa e McCrae, 2007). Já as que apresentam baixos escores, são reservadas com pessoas que apresentam pouca proximidade, mas não são inamistosas. São sóbrias, independentes e quietas, preferindo ambientes pouco frequentados. Pessoas introvertidas não são pessimistas, tristes ou rudes, apenas não são exuberantes como as extrovertidas e podem apresentar alguma resistência a intimidade. (Nunes & Hutz, 2002; Garcia, 2006; Costa & Widiger, 1993).

Amabilidade

Este fator se caracteriza por uma dimensão interpessoal e faz referência aos tipos de interação que uma pessoa apresenta, as quais indicam, por exemplo, o

quanto ela é prestativa e empática com as demais, representando a tendência à cooperação e ao altruísmo (De Young, 2014). Pessoas com altos níveis de amabilidade tendem a ser generosas, prestativas, altruístas e bondosas, enquanto as que apresentam baixos níveis, tendem a ser irritáveis, cínicas, não cooperativas, além de poderem ser vingativas e manipuladoras (Nunes e Hutz 2007). Nesta dimensão, avalia-se a qualidade da orientação interpessoal do indivíduo, tendo como referência a compaixão e seu antagonismo em pensamentos, ações e sentimentos (Pervin & John, 2004).

Neuroticismo

Faz referência ao nível de desajustamento e instabilidade emocional crônico. Segundo McCrae e John (1992) as pessoas com altos escores neste fator experimentam padrões emocionais associados a um desconforto psicológico causado por angústias e sofrimentos, além de sentimentos negativos como medo, raiva, tristeza, vergonha, nojo ou culpa. Identifica-se neste fator a propensão para sofrimentos psicológicos em níveis significativos de ansiedade, depressão, vulnerabilidade, hostilidade, autocrítica e impulsividade (Ávila & Stein, 2006).

2.2.2 O estudo do neuroticismo

O presente trabalho está focado, mais especificamente, no estudo do fator Neuroticismo. O neuroticismo é uma dimensão do Modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, que mensura a estabilidade emocional e é parte integrante de muitos modelos de personalidade (Barlow et al., 2014; Costa & McCrae, 1992; Eysenck, 1947). Considerando o modelo CGF, ele é visto como um dos mais investigados no estudo da psicologia da personalidade (Caspi, Roberts & Shiner, 2005). Em pesquisa realizada nos anos 2000 por De Raad, encontrou-se o termo em

5.222 das 17.262 referências acerca das cinco grandes dimensões da personalidade registradas em abstracts desde 1887 (Mansur-Alves & Flores-Mendoza, 2009).

O neuroticismo diz respeito à o quão suscetível um indivíduo é a emoções negativas, como ansiedade, medo, tristeza e insegurança (Costa & McCrae, 1992) Ele visa avaliar o ajustamento versus a instabilidade emocional, relacionando-se com a reatividade emocional do indivíduo, identificando, assim, indivíduos propensos a perturbações, a psicopatologia (Pervin & John, 2004; Mansur-Alves & Flores-Mendoza, 2009). Tal fator incorpora diferenças individuais na resposta emocional a fatores como ameaça, perda ou frustração (Lahey, 2009).

Indivíduos com altos níveis de neuroticismo são conceituados como tendo atitudes ansiosas, instáveis, preocupantes, vulneráveis e autodestrutivas (Costa & McCrae, 1992; McCrae & John, 1992). De modo mais específico, estes aspectos são investigados no neuroticismo através das facetas que o compõe. Neste estudo foram empregados como indicadores do traço de neuroticismo as facetas utilizadas no NEO-PI-R, a saber: ansiedade, raiva/hostilidade, depressão, embaraço/constrangimento, impulsividade e vulnerabilidade.

Watson e Casillas (2003) afirmam que, dentre os CGF, o neuroticismo é o fator mais associado a psicopatologias. Altos níveis de neuroticismo representam uma maior propensão a vivência de sofrimento emocional, esta constatação torna este fator um indicador significativo de saúde mental. Além disso, estudos mostram que pessoas ansiosas e depressivas tendem a apresentar maiores pontuações em testes de neuroticismo (Hutz & Nunes, 2001; Weinstock & Whisman, 2006).

Deste modo, o neuroticismo foi identificado como um fator chave de vulnerabilidade para problemas de saúde mental com ligações estreitas a muitas

condições psiquiátricas (Bienvenu & Stein, 2003; Kotov et al., 2010; Navrady, Adams, Chan, Ritchie e McIntosh, 2018; Sutin, Beason-Held, Dotson, Resnick, & Costa Jr, 2010). O efeito do neuroticismo vem sendo observado nos transtornos de humor e ansiedade, destacando-se fortes ligações, mais especificamente com o Transtorno Depressivo Maior e o Transtorno de Ansiedade Generalizada (Bagby & Rector, 1998; Kotov et al., 2010; Lahey, 2009). Tal fator de personalidade também está associado ao aumento da comorbidade das síndromes de saúde mental (Lahey, 2009; Moffitt et al., 2007; Takahashi et al., 2015).

Ao se tratar de funcionamento adaptativo dos indivíduos, o neuroticismo demonstra ter importância fundamental. É uma dimensão universal recorrente nos sistemas psicométricos e psicobiológicos (Mansur-Alves & Flores-Mendoza, 2009). Segundo Eysenck (1959), o neuroticismo é a dimensão da personalidade que pode ser mensurada com a mesma confiabilidade e validade da inteligência. É visto como um fator que apresenta alto grau de estabilidade ($r= 0,78$) para as idades entre 30 e 69 anos (Terracciano, Costa & McCrae, 2006).

No campo das pesquisas, muito se investiga sobre o neuroticismo: estudos da genética comportamental, estudos psicobiológicos, neuropsicológicos e da psicologia cognitiva. Relevante em inúmeros contextos, o construto é observado nos ambientes clínicos, de aprendizagem e educação, como preditor de problemas relacionados à saúde, e associado a prejuízos na satisfação com a vida, no funcionamento adaptativo e na autopercepção implícita e avaliações conscientes e não conscientes do eu (Matthews et al, 2003; Caspi et al., 2005; De Raad, 2000; Laidra, Pullmann & Allik, 2007; Nederkoorn, Braet, Van Eijs, Tanghe & Jansen, 2006; Rubinstein, 2006; Shiner & Caspi, 2003; Robison & Meier, 2005).

Outras pesquisas que caracterizam o neuroticismo como emocionalidade negativa, investigam a herdabilidade do traço e a relação entre o aumento do neuroticismo e a piora da saúde mental e física. Tais investigações visam compreender a contribuição genética para diferenças no neuroticismo (Luciano et al., 2018). Atualmente, o uso de mídias sociais e sua relação com o neuroticismo também vem sendo alvo de investigações. O traço mostrou-se associado positivamente à intensidade do uso de mídias sociais e à dependência de internet (Andreassen et al., 2013; Tsai et al., 2009; Tang, Chen, Yang, Chung e Lee, 2016).

Conforme exposto, o neuroticismo representa um importante fator de risco para o desenvolvimento de uma variedade de distúrbios psiquiátricos (Hougsnaes, Boe, Dahl, et al., 2017; Psarros, Theleritis, Kokras, et al., 2017). Sua avaliação é comumente realizada através de questionários como o *NEO Personality Inventory* (Ostendorf, Angleitner, 2004). Ademais, não há, na teoria, argumentos que indiquem uma hierarquia de importância para as dimensões dos CGF, no entanto, foi necessária uma delimitação do escopo do trabalho para a composição da tese e se optou pelo traço de neuroticismo pelo mesmo apresentar-se psicometricamente estável, estar relacionado a uma ampla gama de aspectos psicopatológicos, podendo ser um traço bastante suscetível ao viés da desejabilidade social em instrumentos de autorrelato, neste sentido, a escolha do fator se deu pela utilidade do instrumento de avaliação.

Nesta perspectiva, se faz relevante destacar que, apesar da vasta investigação acerca do neuroticismo encontrada na literatura internacional, é recente o desenvolvimento de estudos envolvendo a investigação deste fator através do Teste de Associação Implícita e, até o presente momento, não foi encontrado nenhum realizado no contexto brasileiro. Deste modo, se ressalta, por todas as vantagens

oferecidas por essa técnica, especialmente a menor possibilidade de controle por parte do sujeito, a sua investigação no Brasil.

2.3 MEDIDAS EXPLÍCITAS E MEDIDAS IMPLÍCITAS

Diferentes estudos demonstram que o desempenho do indivíduo em atividades e situações cotidianas pode sofrer influência de mecanismos conscientes e inconscientes. A investigação acerca deste desempenho se faz através do uso de medidas explícitas e implícitas. As medidas explícitas representam atitudes nas quais as pessoas fazem avaliações sobre uma determinada situação, explicitando o seu posicionamento individual. Grande parte dessas medidas é aplicada através de questionários de autorrelato e escalas do tipo lápis e papel e apesar de proporcionarem resultados satisfatórios, apresentam limitações. As medidas do tipo Likert ou escalas de diferencial semântico, por exemplo, em sua maioria, fazem referência a um objeto de destino na história pessoal do participante, assumindo assim, que (a) o participante já tem uma opinião formada sobre determinado conceito, ou, seja capaz de construir naquele momento avaliativo; (b) está ciente de sua atitude, ou seja, tem acesso a ela; e (c) está disposto a compartilha-la com precisão com o pesquisador (Brunel, Tietje & Greenwald, 2004).

No entanto, as pessoas que nunca ouviram falar de um determinado conceito não são suscetíveis a ter formado uma atitude sobre ele antes e, no melhor dos casos, acabam fazendo o melhor que podem para responderem a pergunta. Em outros casos, as atitudes sobre determinado construto formadas anteriormente, nem sempre são facilmente acessíveis para o indivíduo. Sendo assim, embora tenham uma opinião formada anteriormente, eles relatam algo recém-criado (Brunel, Tietje & Greenwald, 2004). Destaca-se ainda que, mesmo identificando uma experiência prévia, os

participantes podem não estar cientes da sua influência, portanto, forneceriam relatos imprecisos (Greenwald & Banaji, 1995).

Além disso, é possível identificar um viés intrínseco ao método utilizado para mensuração explícita, uma vez que, determinados construtos, tais como a personalidade e valores humanos, estão sujeitos a normas sociais e dissimulação, levando o sujeito, por razões de estratégia, a buscar demonstrar comportamentos desejáveis socialmente (Athayde, 2012). A desejabilidade social representa um comportamento propenso a ocorrer entre participantes de pesquisas psicológicas, levando-os a responder de maneira tendenciosa aos questionamentos. São emitidas respostas consideradas mais aceitáveis socialmente as quais podem, inclusive, negar a associação pessoal com comportamentos desaprováveis socialmente (Ribas Jr, Moura & Hutz, 2004).

No que diz respeito aos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (CGF), por exemplo, procedimentos que utilizam adjetivos ou frases em questionários, caracterizam-se como medidas explícitas que exigem uma autoavaliação por parte do indivíduo, na busca por medir características explícitas da personalidade. Logo, um aspecto que ameaça a validade dos instrumentos que fazem uso de medidas explícitas é o acesso limitado a informações sobre a personalidade ou autoconceito e, no que diz respeito a estes construtos, como afirmado anteriormente, destaca-se a tendência para responder de maneira socialmente desejável, resultando em um problema na mensuração dos CGF (Grumm & Collani, 2007).

Ao longo dos últimos anos foram encontradas expressivas evidências de que os indivíduos processam a informação sobre o seu meio ambiente não apenas de modo explícito (controlado, consciente), mas também de maneira implícita (automática, inconsciente). Como alternativa ao formato de medida explícita, na busca

por controlar a tendência da desejabilidade social e ampliar o acesso às informações, apresenta-se o uso de medidas implícitas, ou seja, de respostas automáticas e espontâneas que tragam informações das quais o respondente não tem consciência (Bassili & Brown, 2005).

Embora relacionados, os dois tipos de medidas resultam de diferentes correntes de processamento de informações e aparecem ligadas a ativações em diferentes regiões do cérebro (Cunningham, Johnson, Gatenby, Gore, & Banaji, 2003). No entanto, vários fatores, como o tipo de objeto que está sendo avaliado, podem influenciar na correlação entre elas (Brunel, Tietje & Greenwald, 2004). Os testes projetivos, tais como o teste de Rorschach, representam uma das primeiras tentativas relacionadas à avaliação de processos não conscientes. Foram propostos muitos modelos com o objetivo de interpretar os dados coletados através destes instrumentos, no entanto, ainda existem muitos problemas de natureza psicométrica relacionados com a fidedignidade e a validade de seus resultados.

Durante as décadas de 1960 e 1970, outras linhas de pesquisa desenvolveram medidas indiretas, também denominadas medidas não reativas, que consistem na observação e no registro de determinadas respostas sem que o avaliador esteja presente na situação de avaliação, desta forma, com ausência de conhecimento do processo de avaliação por parte do sujeito que está sendo avaliado. Essas medidas permitem a redução de aspectos artificiais relacionados com o controle consciente sobre a medida, mas apresentam problemas de controle experimental, bem como questões éticas, uma vez que são realizadas sem o consentimento do participante (Filgueiras, et al. 2012).

No final do século XX, além das medidas não reativas, novas medidas alternativas às medidas de autorrelato começaram a surgir, destacando-se o Teste de

Associação Implícita (TAI), que trabalha com o tempo de reação das tarefas de discriminação frente a um conjunto de itens relacionados a diferentes categorias. Além do TAI, medidas de respostas neurofisiológicas, tais como as obtidas através de testes de resposta galvânica da pele, técnicas de neuroimagem e movimentação dos olhos ou resposta pupilar têm contribuído para a avaliação por meio de processos automáticos ou implícitos, funcionando como alternativas de medidas implícitas por serem respostas neurais ou metabólicas, dependentes de órgãos corporais, que não costumam estar sob controle dos respondentes (Wittenbrink & Schwarz, 2007). Essas medidas envolvem um processamento cognitivo específico, que será descrito na próxima seção.

2.3.1 Processos cognitivos envolvidos na mensuração implícita

Os comportamentos humanos são geralmente o resultado de dois modos diferentes de processamento de informação: processos controlados e automáticos. A cognição considerada controlada é aquela consciente, lenta (em relação à automática), intencional e explícita, a qual influencia o comportamento humano de maneira deliberada. Em sua maioria, este processo cognitivo é mensurado através de autorrelatos verbais tradicionais, nos quais o respondente usa uma escala numérica, como a Likert, por exemplo, que vai de 1 a 5, para informar sobre a intensidade, frequência ou identificação com um determinado comportamento apresentado numa afirmação. A cognição automática, por sua vez, é rápida (em relação à controlada), não intencional, implícita e fora da consciência. Em sua maioria, as cognições automáticas são retratadas como associações mentais inconscientes entre conceitos e valências em uma rede associativa (Xu, Li, Ding & Lu, 2014).

Em trabalhos realizados na metade do século XX, Donders (1969) desenvolveu a concepção de que o tempo solicitado para a realização de uma atividade mental

poderia revelar algo fundamental sobre a mente. Ele sugeriu que seria possível compreender os processos de pensamento computando o intervalo de tempo entre a apresentação do estímulo e a resposta produzida e esta descoberta possibilitou o estudo dos processos mentais. As medidas explícitas e implícitas do mesmo construto não costumam se correlacionar, o que sugere que elas mensuram aspectos distintos do funcionamento mental. Estas suposições sobre os resultados discrepantes entre atitudes implícitas e explícitas representam a vanguarda da investigação sobre a cognição social contemporânea (Wittenbrink e Schwarz, 2007).

Rydell, McConnell & Mackie (2008), por exemplo, investigaram a dissonância cognitiva que se origina a partir da observação da incongruência entre atitudes implícitas e explícitas. Foi verificado que o estado de desconforto que a incongruência produz e a busca do indivíduo pela homeostase pode levar a uma mudança de atitude diante do objeto em destaque. Ao considerar a capacidade preditiva das medidas implícitas, deve-se considerar que os processos de decisão não são puramente espontâneos e nem puramente deliberados, eles consideram ambas as características, as controladas ou conscientes e as automáticas (Gouveia, Athayde, Mendes & Freire, 2012). Neste sentido, os julgamentos e os comportamentos sobre um determinado objeto são influenciados pela interpretação do objeto na situação, ou de maneira automática, ativada na exposição a este objeto (Fazio, 1995; Fazio & Olson, 2003).

Nesta perspectiva, desenvolveram-se técnicas que visam investigar a cognição implícita através da mensuração implícita, destacando-se a Técnica de Priming (Fazio, 1995), na qual é criado um contexto-estímulo capaz de produzir um determinado tipo de efeito ou resposta; e o Teste de Associação Implícita (Greenwald, Mcghee & Schwartz, 1998), foco de estudo da presente pesquisa, que busca determinar a

ativação de atitudes através do impacto do objeto atitudinal sobre a velocidade na qual o indivíduo realiza julgamentos. Os processos envolvidos nas medidas implícitas destacam o interesse em compreender a denominada Cognição Implícita, definida por Greenwald e Banaji (1995) como uma construção implícita, um traço introspectivamente não identificado da experiência do passado que medeia a categoria de respostas assumidas pelo indivíduo e influenciadas pelo construto. Observou-se que a cognição implícita poderia revelar informações associativas nas quais as pessoas são relutantes ou incapazes de assumir, ou seja, apresentando traços de experiências passadas que as pessoas rejeitam explicitamente por entrarem em conflito com seus valores e/ou crenças ou para evitar consequências sociais negativas.

Além disso, a cognição implícita pode tornar visíveis informações que não estão disponíveis para acesso introspectivo, mesmo que as pessoas estejam motivadas a recuperá-las e expressá-las. Estas informações, tais quais as memórias, podem simplesmente serem inacessíveis não apenas em pacientes que apresentem algum grau de amnésia, mas em todos os indivíduos. Para muitos construtos, como a memória, a autoestima, os estereótipos e a personalidade, a possibilidade do implícito/explicito não só contribuiu para a organização teórica, como também possibilitou o aumento da investigação acerca dos limites introspectivos (Nosek, Greenwald & Banaji, 2007).

Neste sentido, estudos que visem investigar a cognição implícita podem também explorar o papel da memória neste procedimento considerando que processos de aquisição da informação permitem a criação de uma representação interna da estimulação sensorial que pode ser armazenada na memória (Pinto, 2001). Ainda no contexto da Cognição Implícita, tendo em vista limitada capacidade da mente

para a introspecção, outra perspectiva teórica que merece destaque nas pesquisas desenvolvidas neste campo é o modelo de dois sistemas que se diferenciam entre duas formas de processamento da informação humana (Schnabel, Asendorpf & Greenwald, 2007).

Outro processo abordado por Xu, Li, Ding e Lu (2014) e que merece destaque no campo da cognição implícita está relacionado ao controle inibitório, ou seja, é uma função que permite a inibição de comportamentos automáticos e a implementação de rotinas controladas ou “conscientes” (Diamond, 2013), o qual se relaciona com a capacidade de inibir uma resposta inadequada ou um comportamento impulsivo. Essa habilidade de controle executivo (ou central) muitas vezes pode interromper ou até mesmo substituir e evitar ações impulsivas advindas de um processo cognitivo automático. Dessa forma, um indivíduo com alto controle inibitório pode inibir o comportamento de um impulso gerado pela ativação automática da associação, e, efetuar um comportamento mais deliberado, acionado por um processo cognitivo controlado.

Em contrapartida, o indivíduo com baixo controle inibitório é incapaz de resistir a tendências comportamentais espontâneas e seu comportamento é influenciado mais fortemente por processos cognitivos automáticos. Um indivíduo que apresente baixos níveis de inibição tende a expressar preconceito racial, por exemplo, de maneira mais automática, sendo menos provável que resista às tendências comportamentais espontâneas como comer e beber. Por outro lado, os indivíduos com alto controle inibitório possuem maior capacidade de executar as intenções comportamentais de maneira deliberada (Xu, Li, Ding & Lu, 2014).

Ainda no contexto de processos cognitivos envolvidos, destaca-se a atenção. A aprendizagem de algo envolve “prestar atenção” e esse comportamento de “prestar

atenção” exige a seleção de um ou mais estímulos dentre todos os apresentados. No âmbito da investigação das medidas implícitas, um estímulo novo ou seu aparecimento imprevisto, são fatores que levam um indivíduo a mudar de atenção, suspendendo a realização da tarefa que estava sendo efetuada (Pinto, 2001). Associando esta discussão com o exposto anteriormente sobre processos automáticos, observa-se que há uma distinção importante entre processos automáticos e processos esforçados e controlados. Segundo Shiffrin e Schneider (1977), processos automáticos exigem poucos recursos de atenção e podem ser realizados em paralelo com outros processos cognitivos, ao passo que, processos esforçados, aplicam-se a tarefas que precisam ser realizadas em etapas, considerando que os recursos de atenção exigidos sejam mais elevados. Nestes casos, a realização da tarefa demanda um acompanhamento consciente e o controle direto da atenção. Neste cenário, destaca-se ainda a prática, que pode tornar progressivamente automático o processamento de vários estímulos e a realização de várias atividades que inicialmente exigiam maior controle da atenção.

Diante do exposto, a distinção entre processos automáticos e controlados agora ocupa um papel central em muitas áreas da psicologia e se reflete em pesquisas que visam investigar o processo dual contemporâneo de construtos como: preconceitos e estereótipos, consistência atitude-comportamento e autopercepção. É possível perceber que muitos aspectos relacionados ao processamento cognitivo das informações envolvidas na mensuração implícita podem ser identificados, no entanto, ainda se faz necessário uma maior investigação e compreensão de como se dá este processamento e qual o seu grau de influência no que diz respeito à Avaliação Psicológica.

Os meios comumente utilizados para examinar as influências de processos automáticos e controlados em psicologia tem sido administração de duas medidas distintas, uma que visa abranger um processo automático e uma que permita a utilização de um processo controlado. Por exemplo, a maioria das pesquisas sobre o preconceito faz uso de medidas implícitas, como o priming (Fazio, Jackson, Dunton, & Williams, 1995) ou o Teste de Associação Implícita (Greenwald, McGhee, & Schwartz, 1998), e tendências conscientes, controladas com medidas explícitas, tais como a Escala de Racismo Moderno (McConahay, 1986) ou sentimento termômetros (Haddock, Zanna, & Esses, 1993).

No presente trabalho, foi explorada a investigação acerca do fator Neuroticismo através de medida implícita e explícita, além do uso de outras medidas explícitas visando explorar os processamentos cognitivos envolvidos neste processo (implícito/explicito), tais como atenção, memória e raciocínio verbal.

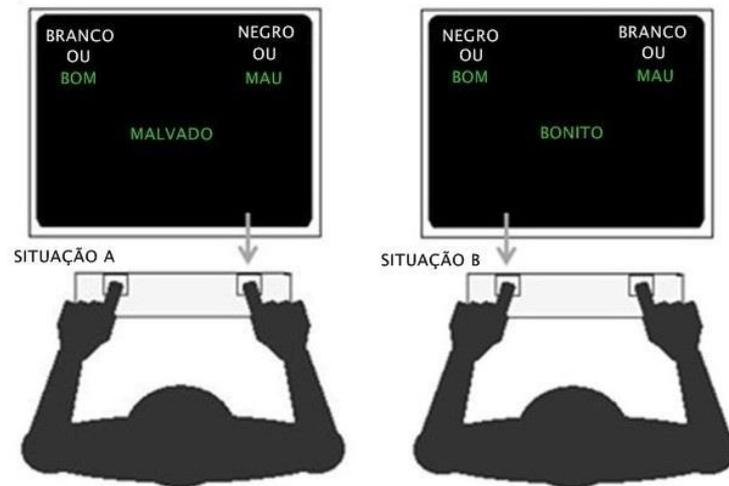
2.3.2 Teste de Associação Implícita

Proposto por Greenwald, McGhee e Schwartz (1998), o Teste de Associação Implícita – TAI (Implicit Association Test – IAT) baseia-se na ideia de que objetos atitudinais podem ativar avaliações de maneira espontânea, afetando respostas subsequentes e suas velocidades (Athayde, 2012). Utilizando o paradigma do tempo de reação, este teste mede a força das associações mentais automáticas, ou seja, quanto mais rápida for à avaliação de uma pessoa sobre a associação entre um conceito e um atributo, mais sentido esta relação faz para ela. O teste é capaz de acessar atitudes que o sujeito reluta em dizer explicitamente ou é incapaz de responder por desconhecimento. (Andrews, Greenwald, Hampson, Gordon, & Widdop, 2010).

A testagem implícita pode apresentar-se de duas maneiras: a forma lápis e papel e a computadorizada. Na primeira forma mede-se o número de associações realizadas em um tempo pré-determinado e na segunda, mede-se o tempo decorrido para realizar um número de associações pré-determinadas (Lemm, Lane, Sattler, Khan, & Nosek, 2008). A proposta deste trabalho visa investigar se é possível medir um dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade por meio das associações cognitivas do Teste de Associação Implícita computadorizado. Nesse formato, os estímulos (palavras ou figuras) são apresentados aos participantes no centro da tela do computador. Os participantes fornecem suas respostas por meio das teclas E e I, para as mãos esquerda e direita, respectivamente. A instrução diz respeito a responder o mais rápido possível, evitando cometer erros (Greenwald, Nosek & Banaji, 2003).

O procedimento de aplicação do teste corresponde à apresentação de diferentes categorias de estímulos visuais ao indivíduo (por exemplo, raças branca e negra e adjetivos agradáveis e desagradáveis), que deverá responder, com rapidez, através das teclas E ou I, para categorizar os estímulos pertencentes a diferentes grupos conceituais. Numa situação A (bloco A), dois conceitos (por exemplo, raça branca e adjetivos agradáveis) são pareados em uma mesma tecla de resposta (por exemplo, "I") e outros dois conceitos (neste caso, seriam raça negra e adjetivos desagradáveis) em outra tecla de resposta (geralmente, a tecla "E"). Numa situação B (bloco B), este pareamento será invertido (raça branca e adjetivos desagradáveis na tecla "I"; raça negra e adjetivos agradáveis na tecla "E"), possibilitando a ocorrência de um balanceamento das condições experimentais (Figura 1).

Figura 1 - Ilustração da dinâmica experimental de um TAI



Fonte: Autor

Considera-se que a associação implícita foi fortalecida quando dois desses conceitos antecipadamente emparelhados tem o seu tempo de resposta mais rápido. Nos exemplos acima, as respostas mais rápidas tendem a ser dadas pelos sujeitos brancos na situação A do que na situação B, indicando que associam mais facilmente adjetivos agradáveis a pessoas da raça branca e adjetivos desagradáveis a pessoas da raça negra, do que o contrário (Greenwald, Mcghee, & Schwartz, 1998). Ao final da execução do teste, nos resultados, o bloco com menor média de tempo de associação (menor latência de resposta) é denominado bloco congruente, enquanto aquele com maior média de tempo de associação (maior latência de resposta) é definido como bloco incongruente. A força das associações subjacentes corresponde ao resultado desta diferença entre a média de latência de resposta dos dois blocos.

Os Tempos de Reação representam a medida dependente do teste e seu procedimento é baseado na medição computadorizada do intervalo de tempo que os participantes demoram a realizar a classificação. Por exigir rapidez da resposta, o

tempo é tradicionalmente medido na escala dos milissegundos através do programa de informática selecionado para execução do teste (Inquisit ou E-Prime, por exemplo). A Frequência de erros, por sua vez, relaciona-se a associação entre as categorias codificadas para a mesma resposta, que podem assumir-se fracas ou inexistentes, esperando-se, assim, um aumento na probabilidade de cometer erros na classificação dos estímulos em consequência da competição de resposta, sendo uma medida complementar ao tempo de reação (Oliveira & Miranda, 2012).

Tendo em vista a variabilidade nos escores, derivados da diferença na habilidade de execução do teste, desenvolveu-se o Escore D, resultante da diferença entre os blocos congruentes e incongruentes, dividido pelo desvio-padrão do indivíduo em todas as latências de respostas, nos dois blocos (Greenwald, Nosek & Banaji, 2003). A força da associação também é indicada através dos valores do Escore D, no qual valores até 0,15 representam não haver uma preferência nítida; valores entre 0,16 e 0,35, representam uma associação fraca; valores entre 0,36 e 0,65, uma preferência moderada; e valores acima de 0,65, uma preferência forte. Estes índices se aplicam para valores positivos e negativos (Nosek, Greenwald, & Banaji 2007), que representam congruência com as situações do Bloco A ou do Bloco B, conforme a programação é feita no computador.

Diferentes categorias podem ser investigadas através do TAI, como a avaliação de ideação suicida (Nock et al., 2010), preferências políticas (Nosek, Banaji & Greenwald, 2002), relacionamento amoroso (Lee, Rogge, & Reis, 2010), autoestima e autoconceito (Greenwald & Farnham, 2000), entre outros. Através do TAI, torna-se possível obter informações sobre o funcionamento implícito, o que contribui para identificar preferências automáticas, espontâneas e associações de estímulos e

conceitos, os quais podem estar fora do controle da consciência do indivíduo (Fazio & Olson, 2003).

2.3.2.1 Tempo de Reação

O Tempo de Reação (TR) representa um processamento cognitivo envolvido na mensuração implícita. Também conhecido como tempo de resposta ou resposta de latência, ele corresponde a uma simples e provavelmente, mais amplamente utilizada, medida de resposta comportamental em unidades de tempo (em geral, milissegundos), a partir da apresentação de uma determinada tarefa até a sua conclusão. Métodos cronométricos que mensuram os TR têm desempenhado um importante papel no fornecimento de dados sobre modelos da cognição humana para pesquisadores em psicologia e áreas afins. Pesquisas voltadas para investigação do TR oferecem oportunidades para entender as diferenças que moldam simultaneamente os tempos de reação e fornecem informações acerca das teorias da cognição humana (Baayen & Milin, 2010).

A ideia de calcular o tempo de reação surgiu baseada no experimento de Donders (1969), com a afirmação de que é possível entender processos “invisíveis” computando o tempo que decorre entre a apresentação do estímulo e a produção da resposta. Além disso, este pesquisador indicou que levando a pessoa a responder com a mão direita, estímulos do lado direito e com a mão esquerda, estímulos do lado esquerdo, quando o movimento da mão direita for solicitado com estimulação do lado esquerdo e vice-versa, o tempo de reação irá ser maior e, conseqüentemente, a quantidade de erros também (Lane, Banaji, Nosek & Greenwald, 2007). Neste sentido, considerar o tempo como variável para estimar a natureza dos processos mentais é extremamente relevante.

Autores como Tagliabue, Zorzi, Umiltá e Bassignani (2000) alegam que maneira como o sistema nervoso e o sistema osteo-articular são organizados facilita a realização de alguns movimentos em detrimento a outros. Há uma tendência para o uso da mão direita para alcançar um objeto que esteja localizado à direita do corpo e a mão esquerda para localizar um objeto que esteja localizado a esquerda, por exemplo, sendo esta tendência derivada de fatores inatos reforçados ao longo do desenvolvimento. Nesta perspectiva, nas condições de correspondência, coloca-se em prática algo no qual já se está acostumado a fazer, ou seja, agir em direção aos estímulos através dos efetores correspondentes. De maneira natural, o hábito leva a atuar nas demandas localizadas a direita, no ambiente externo, com algum membro direito, pois a tarefa torna-se mais fácil, garante maior eficácia e desde o nascimento é assim que o ser humano é acostumado a fazer. Quando a condição apresentada é não correspondente, é realizada uma tarefa na qual não se está acostumado a fazer, ou seja, responder com o efector contralateral, tornando-se necessário, para responder corretamente, a constituição de associações de memórias de curto prazo não declarativas.

Medidas implícitas, tais como o Teste de Associação Implícita, trabalham com processamentos que envolvem a medida do Tempo de Reação Manual permitindo a investigação de aspectos funcionais básicos, como a percepção e a atenção visual, bem como funções cognitivas superiores, tais como velocidade do raciocínio, capacidades da memória, tomada de decisão, dentre outras. Em sua maioria, a medida do TRM é aplicada para o desenvolvimento de modelos que possibilitem identificar várias etapas de processamento, bem como para estimar o tempo envolvido em cada etapa entre a apresentação de um estímulo e a execução de uma resposta.

O TRM será maior ou menor a depender do número de alternativas de resposta e da complexidade do estímulo (Conde, Teixeira & Miranda, 2014).

2.3.3 Avaliação de personalidade através de medidas implícitas

A avaliação feita sobre a personalidade de um indivíduo em seu cotidiano se relaciona com a impressão que causa e a eficiência em produzir reações nos outros indivíduos, as quais podem ser positivas ou negativas. Aquele que observa atribui ao indivíduo sua qualidade ou atributo que mais se destaca, o qual se torna um aspecto característico da impressão que ele desperta em seu contato com os outros (Hall & Lindzey, 1985 apud Andrade, 2008).

Com o objetivo de capturar os traços de personalidade considerados mais importantes nas vidas das pessoas, cinco grandes dimensões foram projetadas, representando traços úteis por servirem ao propósito de previsão e controle, prevendo o que as pessoas irão fazer. Esta informação auxilia a responder questões sobre comportamentos das pessoas em situações relevantes (Pervin & John, 2004).

No que diz respeito à Avaliação Psicológica, os testes de personalidade fazem parte da prática do psicólogo, representando a maior parcela de instrumentos disponíveis no mercado profissional, aspecto que pode se justificar pela relevância da Avaliação da Personalidade em diversos contextos. A literatura internacional possui um vasto arcabouço teórico e prático sobre as técnicas de Avaliação da Personalidade, já a literatura nacional, apresenta carência sobre os instrumentos. Muitos estudos trazem resultados do teste de personalidade correlacionados com outros aspectos, tais como sexualidade ou ciúme. Já estudos relacionados à validade dos instrumentos são escassos (Noronha, Freitas, Sartori & Ottati, 2002). Por representar um construto com tendências para respostas subjacentes, grande parte destas ferramentas utilizadas para avaliar a personalidade corresponde às medidas

explícitas, porém, se faz relevante destacar que as representações relacionadas à personalidade consideram as funções de dois diferentes sistemas de processamento de informações: automáticos e controlados.

As representações proposicionais do autoconceito, ou seja, da avaliação que o indivíduo faz sobre si mesmo, são as personalidades denominadas explícitas, enquanto as representações associativas são as personalidades implícitas. Assim, o autoconceito explícito da personalidade pode ser expresso através de respostas a questionários, nos quais solicitam que o entrevistado informe sobre si, estando estas respostas, conseqüentemente, sujeitas as limitações das representações explícitas. Esta vem sendo a forma de avaliação da personalidade amplamente utilizada no contexto psicológico e por ser limitada introspectivamente, pode não refletir a totalidade do conhecimento implícito do sujeito sobre sua personalidade (Schnabel, Asendorpf & Greenwald, 2007).

Tendo em vista estas limitações, há um vasto interesse no campo da personalidade, em explorar processos livres de limites impostos pelas medidas explícitas. No modo implícito são avaliados processos que mensuram a personalidade mais indiretamente, sendo caracterizado como automático e intuitivo. Conseqüentemente, espera-se que seja mais robusto e imune às distorções encontradas no processo explícito de avaliação. A autoavaliação da personalidade pode estar ligada a características da situação, a tendências motivacionais do indivíduo e a comportamentos impulsivos subsequentes, desenvolvendo um padrão de associações crônicas que podem ser ativadas automaticamente e implicitamente (Dentale, Vecchione & Barbaranelli, 2015). Desta forma, a avaliação individual que o sujeito faz sobre sua personalidade, de maneira implícita, pode ser concebida como consequência de muitas ativações precedentes de comportamentos automáticos,

que, por fim, assumem a forma de associações crônicas implícitas (Dentale, Vecchione & Barbaranelli, 2015).

Grumm e Collani (2007) desenvolveram um estudo buscando examinar se o Teste de Associação Implícita poderia servir como uma medida implícita das dimensões do modelo CGF. Em um primeiro estudo, realizado com 84 sujeitos, os efeitos do TAI e do Big Five (extroversão, amabilidade, conscienciosidade, neuroticismo e abertura) foram encontrados e o TAI apresentou boa consistência interna e validade convergente com a medida explícita dos cinco grandes fatores (NEO-PI).

Alguns estudos recentes testaram o uso de medidas implícitas na avaliação de fatores específicos da personalidade. Considerando as evidências baseadas nas medidas de personalidade do tipo auto relato de que pacientes com esquizofrenia tendem a apresentar escores mais baixos em extroversão e mais altos em neuroticismo do que indivíduos saudáveis, Suslow, Lindner, Kugel, Egloff e Schumukle (2014) desenvolveram um Teste de Associação Implícita para avaliar aspectos da cognição implícita, tais como atitudes e traços de personalidade, visando investigar a aplicabilidade e a confiabilidade do teste em pacientes esquizofrênicos, além de testar se eles se diferem de indivíduos saudáveis nos fatores extroversão e neuroticismo medidos de maneira implícita.

Os pesquisadores administraram o TAI e o NEO-PI como medidas implícitas e explícitas, respectivamente, dos fatores extroversão e neuroticismos em 34 pacientes com esquizofrenia e 45 indivíduos saudáveis. Os pacientes com esquizofrenia apresentaram menores escores em extroversão na medida implícita e explícita e maiores em neuroticismo nas mesmas medidas, em comparação com os indivíduos saudáveis. Estes dados demonstram que o TAI pode ser aplicado de forma confiável

a pacientes com esquizofrenia, sugerindo que eles diferem dos indivíduos saudáveis não apenas na sua representação consciente, mas também na sua representação implícita do eu em relação ao neuroticismo e às características relativas à extroversão (Suslow, et al., 2014).

Gunther, Matthes, Kersting, Egloff e Suslow (2016), por sua vez, desenvolveram seu estudo a partir dos achados de estudos que utilizam autorrelato e que sugerem uma associação negativa entre a alexitimia e a extroversão. Considerando que este tipo de medida se relaciona com a avaliação dos aspectos do autoconceito explícito da personalidade, medidas implícitas, como o TAI foram desenvolvidas para explorar o autoconceito implícito de personalidade. Este estudo examinou pela primeira vez a relação entre alexitimia autorrelatada e o autoconceito implícito de extroversão. A Toronto Alexithymia Scale, o NEO-PI e o TAI avaliando extroversão foram aplicados em 86 mulheres saudáveis. Foi encontrada correlação negativa entre alexitimia e extroversão implícita que permaneceu significativa ao controlar o traço de ansiedade e a extroversão explícita.

Estes achados representam a primeira evidência de que indivíduos com altas representações associativas de alexitimia do eu apresentam baixa relação com características relacionadas a extroversão em comparação com aqueles com baixa alexitimia, concluindo que a alexitimia relaciona-se com a anedonia social e com problemas interpessoais (Gunther et al., 2016). No Brasil ainda não há registro de estudos que façam utilização do Teste de Associação Implícita como medida implícita para avaliar personalidade, logo, considerando a relevância dos achados internacionais, intensifica-se a urgência no desenvolvimento de pesquisas desta natureza no país.

3 OBJETIVOS E HIPÓTESES

3.1 O objetivo da presente tese é construir e buscar evidências de validade com base na estrutura interna e nas relações com variáveis externas para um Teste de Associação Implícita para avaliação de um dos fatores de personalidade do modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade - o fator Neuroticismo e suas facetas - e avaliar suas propriedades psicométricas.

a) Validade Fatorial;

b) Índices de confiabilidade: Coeficiente Alfa de Cronbach;

c) Validade convergente com uma medida explícita do traço de neuroticismo (Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade - IGFP – 5);

d) Validade discriminante com medidas explícitas de processos cognitivos; (Teste de Atenção Concentrada, Teste de Memória Episódica e Prova de Raciocínio Verbal da Bateria de Provas de Raciocínio).

3.2 Hipóteses

De acordo com o referencial teórico apresentado, espera-se que o Teste de Associação Implícita – TAI-Neuroticismo se correlacione com a medida explícita para avaliação deste traço de personalidade, o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (IGFP-5). Espera-se ainda que o TAI não se correlacione com as medidas cognitivas utilizadas (Teste de Atenção Concentrada, Teste de Memória Episódica e Prova de Raciocínio Verbal da Bateria de Provas de Raciocínio). Se isto ocorrer, estes resultados indicarão que o TAI representa uma medida significativamente preditora de um caráter emocional do sujeito e não cognitivo, acessando informações relacionadas realmente a personalidade do indivíduo.

4 MÉTODO

Para atingir os objetivos propostos, foram executados os procedimentos metodológicos que serão descritos a seguir.

4.1 PARTICIPANTES

A amostra foi do tipo não-probabilística, sendo o recrutamento por conveniência, uma vez que participaram aqueles que aceitaram, voluntariamente, fazer parte do estudo. Compuseram a amostra 100 participantes (n=100), brasileiros, provenientes da região nordeste, com idade variando entre 18 a 40 anos de idade (m= 23,98; DP = 4,40), sendo desses, 56% constituídos por participantes do sexo feminino e 43% do sexo masculino e 1% não declarado.

4.2 INSTRUMENTOS

Dois conjuntos de instrumentos foram utilizados para coleta, um deles no formato lápis e papel, correspondente às medidas explícitas (questionário socioedemográfico, Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (IGFP – 5), Teste de Atenção Concentrada (Teaco-FF), Memória da Lista de Palavra – subteste da bateria CERAD, e Prova de Raciocínio Verbal (RV) da Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5) e o outro no formato computadorizado, correspondente às medidas implícitas (Teste de Associação Implícita – Neuroticismo (TAI-NEUROTICISMO)).

4.2.1 Medidas explícitas

a) Questionário Sociodemográfico

Objetivando caracterizar a amostra investigada, foi solicitado que os participantes respondessem um questionário sociodemográfico com questões relacionadas a sexo, idade, escolaridade, estado civil, nível socioeconômico e local

onde residem. Este instrumento foi elaborado pela pesquisadora durante o processo de construção da tese.

b) Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade - IGFP – 5

Como medida explícita para avaliação do Neuroticismo, foi utilizado o *Big Five Inventory – BFI* (John e Srivastava, 1999; John, Naumann e Soto, 2008) ou Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade – IGFP – 5 (versão validada para o Brasil por Andrade, 2008). Um estudo desenvolvido por Schmitt, Allik, McCrae e Benet-Martínez (2007), o qual buscou verificar a validade do instrumento em 56 países, evidenciou que o instrumento se mostra passível de replicação em diferentes culturas. No contexto brasileiro, o instrumento foi adaptado e validado por Andrade (2008), considerando os seguintes índices de alfa de Cronbach: fator de personalidade Abertura à experiência 0,65; fator Neuroticismo 0,75; fator Extroversão 0,75; Conscienciosidade 0,64 e fator de personalidade Amabilidade 0,69.

Nesta versão, o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade – IGFP – 5, é uma medida de autorrelato breve, que visa avaliar as cinco grandes dimensões da personalidade através de 44 itens, estruturados em sentenças simples e respondidos em uma escala de respostas do tipo Likert de cinco pontos.

c) Teste de Atenção Concentrada (Teaco-FF)

O Teste de Atenção Concentrada - Teaco-FF (Rueda & Sisto, 2009) avalia a capacidade de uma pessoa em selecionar apenas uma fonte de informação diante de vários estímulos distratores em um tempo pré-determinado. Fornece uma medida da atenção concentrada do indivíduo, a qual pode ser obtida pelo resultado dos estímulos que a pessoa deveria marcar e marcou subtraído dos erros mais as omissões. Ao todo, o instrumento possui 500 estímulos distribuídos em 20 colunas com 25 estímulos cada. Do total, 180 são estímulos-alvo, sendo que cada coluna contém 9 alvos e 16

estímulos distratores. O tempo de aplicação é de 4 minutos. No que diz respeito às evidências de validade do instrumento, foi estudada evidência de validade desenvolvimental, pelo funcionamento diferencial do item, com o Teste de Atenção Concentrada (AC), com os Testes de Atenção Sustentada e Dividida (AS e AD), com o Teste Conciso de Raciocínio (TCR) e com a Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho (Event). Os índices de precisão do instrumento foram considerados excelentes pelos autores, variando de 0,89 a 0,99.

d) Memória da Lista de Palavra – subteste da bateria CERAD

Este instrumento corresponde a um subteste da bateria CERAD (Morris et al., 1989; adaptação brasileira de Bertolucci et al., 1998) e visa avaliar a memória episódica. A aplicação se dá com o examinador lendo em voz alta uma lista de 10 palavras a um ritmo de 2 segundos por palavra. Após a leitura é solicitado que o sujeito faça a evocação livre, do maior número possível de palavras, em qualquer ordem, por um período máximo de 90 segundos. O procedimento é repetido outras duas vezes. A pontuação é obtida pela soma das palavras evocadas nas três tentativas.

e) Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5)

Desenvolvido por Primi e Almeida em 1998, a BPR-5, é um instrumento psicológico que avalia habilidades cognitivas, oferecendo estimativas do funcionamento cognitivo em geral, por meio de cinco provas: raciocínio abstrato, verbal, visual-espacial, numérico e mecânico. No entanto, destaca-se que para execução desta pesquisa será aplicada somente a prova de Raciocínio Verbal (RV), da forma B, que possui 25 itens, com tempo limite de aplicação de 10 minutos, onde se descobre a relação analógica entre um par de palavras para se aplicá-la e identificar uma quarta palavra entre as cinco alternativas de resposta. Tem associação com a extensão do vocabulário e a capacidade de estabelecer relações abstratas

entre conceitos verbais. Apresentou bons indicadores de validade e precisão para a população brasileira e foi aplicada e avaliada conforme recomendações constantes no manual (Primi & Almeida, 2000).

4.2.2 Medidas implícitas

Conforme referido anteriormente, o estudo da personalidade envolve diferentes subdimensões. Deste modo, se faz relevante destacar que para a construção do instrumento de mensuração do fator neuroticismo do CGF se fez necessária extensa pesquisa na literatura sobre o construto avaliado para que as suas facetas fossem devidamente representadas no instrumento elaborado.

a) Teste de Associação Implícita – Neuroticismo (TAI-NEUROTICISMO) – Versão computadorizada

1. Construção do Instrumento

1.1 Seleção dos itens

Este teste foi elaborado no modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade (CGF) o qual descreve a personalidade humana a partir de cinco grandes dimensões: Neuroticismo, Extroversão, Socialização, Realização e Abertura à Experiência. O fator Neuroticismo é composto por facetas que agrupam predisposições à depressão, ansiedade, vulnerabilidade, impulsividade, hostilidade entre outros (McCrae & John, 1992).

Inicialmente foi feito o levantamento bibliográfico de um grande conjunto de referências sobre os CGF visando compreender profundamente os aspectos que englobavam o fator Neuroticismo. A partir desta revisão, foi listada uma série de traços de personalidade que deveriam ser representados pelos itens criados para avaliar o fator. Para divisão das facetas representativas do fator, tomou-se como referência o instrumento mais utilizado no âmbito internacional, o NEO-PI-R (Costa & McCrae,

1992), o primeiro instrumento validado no Brasil a Escala Fatorial de Neuroticismo – EFN (Hutz e Nunes, 2001) e o Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade – IGFP – 5, versão validada para o Brasil por Andrade (2008).

A partir destes estudos, foi realizada a etapa de divisão das facetas representativas do fator, que, para este instrumento, se subdividiram em seis: ansiedade, raiva/hostilidade, depressão, embaraço, impulsividade e vulnerabilidade ao estresse. Após esta etapa, foram utilizados como referência os estudos sobre os descritores de traços de personalidade de Peabody e De Raad (2002) para listar adjetivos que descrevessem cada uma das facetas, totalizando, como resultado, 60 adjetivos, 10 para cada faceta.

1.2 Programação do TAI-NEUROTICISMO

O Teste de Associação Implícita consiste em uma tarefa de classificação de palavras na qual as palavras devem ser atribuídas a categorias. A apresentação de palavras e o registro de respostas foram realizados com o pacote de software Inquisit Millisecond em um laptop.

Foram construídos seis testes, um para cada faceta. Cada teste foi dividido em sete blocos organizados da seguinte maneira:

- Blocos 1, 2, 3, 5 e 6 compostos por 20 rodadas, sendo os blocos 1, 2 e 5 de tarefas de discriminação simples (1 palavra a esquerda, 1 palavra a direita e 1 palavra no meio) e os blocos 3 e 6 de tarefas de discriminação complexa (1 par de palavras a esquerda, 1 par de palavras a direita e 1 palavra ao meio).
- Blocos 4 e 7, compostos por 40 rodadas, sendo tarefas de discriminação complexa (1 par de palavras a esquerda, 1 par de palavras a direita e 1 palavra ao meio), diferenciando-se pela inversão da ordem de apresentação das palavras;

- Total, 180 tentativas, resultando em 180 tempos de reação.
- Bloco 1: tarefa de discriminação simples relacionada com o conceito de UMA FACETA DO NEUROTISCISMO x ESTABILIDADE EMOCIONAL;
- Bloco 2: tarefa de discriminação simples relacionada com AUTOREFERÊNCIA x SEU OPOSTO;
- Bloco 3: tarefa de discriminação complexa, bloco relacionado a dupla discriminação com o conceito de AUTO REFERÊNCIA com 20 rodadas;
- Bloco 4: tarefa de discriminação complexa igual ao bloco 3, mas com o dobro de rodadas;
- Bloco 5: tarefa de discriminação simples igual ao bloco 1, mas invertida;
- Bloco 6: tarefa de discriminação complexa igual ao bloco 3, sendo que invertida;
- Bloco 7: tarefa de discriminação complexa igual ao bloco 3, sendo que invertida e com o dobro de rodadas;

A figura 2 abaixo ilustra o exemplo de construção dos blocos para o teste que avaliava a faceta ansiedade do fator neuroticismo:

Figura 2 – Blocos que constituíram o teste de avaliação da faceta ansiedade

	BLOCO 1	BLOCO 2	BLOCO 3	BLOCO 4	BLOCO 5	BLOCO 6	BLOCO 7
Descrição	Discriminação do conceito	Discriminação de autorreferência	Dupla discriminação Auto/conceito	Dupla discriminação Auto/conceito	Discriminação do conceito invertida	Dupla discriminação Auto/conceito invertida	Dupla discriminação Auto/conceito invertida
Categorias	ANSIOSO SERENO	EU OUTROS	ANSIOSO EU SERENO OUTROS	ANSIOSO EU SERENO OUTROS	SERENO ANSIOSO	SERENO EU ANSIOSO OUTROS	SERENO EU ANSIOSO OUTROS
Item e correspondência	Medroso Agoniado Apreensivo Tenso Nervoso Corajoso Confortável Relaxado Solto Tranquilo	Meu Sou Eu Nosso Nós Seu São Ele Deles Eles	Medroso Agoniado Apreensivo Tenso Nervoso Meu Confortável Relaxado Solto Tranquilo Corajoso Confortável Relaxado Solto Tranquilo Meu Sou Eu Nosso Nós Seu São Ele Deles Eles	Medroso Agoniado Apreensivo Tenso Nervoso Meu Confortável Relaxado Solto Tranquilo Corajoso Confortável Relaxado Solto Tranquilo Meu Sou Eu Nosso Nós Seu São Ele Deles Eles	Corajoso Confortável Relaxado Solto Tranquilo Medroso Agoniado Apreensivo Tenso Nervoso	Corajoso Confortável Relaxado Solto Tranquilo Meu Agoniado Apreensivo Tenso Nervoso Eu Sou Tranquilo Nosso São Ele Deles Eles	Corajoso Confortável Relaxado Solto Tranquilo Meu Agoniado Apreensivo Tenso Nervoso Eu Sou Tranquilo Nosso São Ele Deles Eles
Nº de itens	20	20	20	40	20	20	40

Fonte: Autor

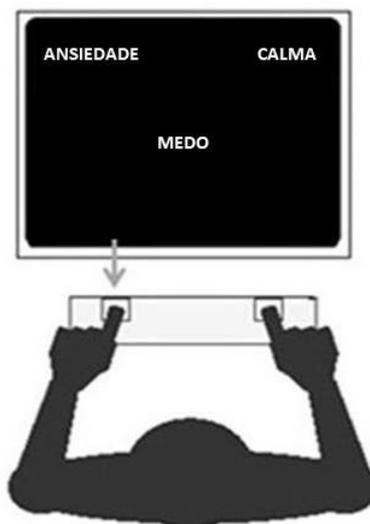
4.3 PROCEDIMENTOS

A coleta de dados foi realizada no laboratório do Núcleo de Estudos em Avaliação Psicológica (NEAP), localizado na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Foi solicitada a instituição autorização para realização da pesquisa. Permitida a realização, o projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPE, conforme diretrizes do Conselho Nacional de Saúde, através da Resolução N° 510/2016, para pesquisas envolvendo seres humanos. Após este processo, a coleta de dados teve início com o convite aos participantes para participarem voluntariamente da pesquisa, aqueles que aceitaram, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A realização da coleta ocorreu de forma individualizada, em uma sala contendo uma mesa, uma cadeira e um computador, sendo agendados horários para realização das atividades.

Para o bloco de instrumentos de medidas explícitas foram fornecidas instruções conforme o manual de aplicação (quando houvesse) e esclarecido que as respostas são individuais, destacando a necessidade de respostas honestas e sinceras.

Para o bloco de instrumentos de medidas implícitas, foi explicado ao participante que o teste está programado para apresentar uma palavra no centro da tela (estímulo-alvo), a qual deverá ser associada a uma das duas categorias discriminadas nos cantos superiores do monitor, através de uma resposta motora. Os participantes tinham duas chaves de resposta a sua disposição: tecla E, chave da esquerda e tecla I, chave da direita e eram orientados a responder o mais rápido possível, buscando evitar erros. Por exemplo, se a categoria do canto esquerdo fosse “Ansiedade” e a do canto direito “Calma” e a palavra do centro da tela fosse “Medo”, a resposta correta seria pressionar rapidamente a tecla da esquerda, conforme ilustra a figura 3.

Figura 3 - Ilustração da dinâmica experimental do TAI-Neuroticismo



Fonte: Autor

No caso de respostas erradas, um “X” aparecia abaixo do estímulo alvo e o participante deveria corrigir sua resposta. O tempo de reação foi medido entre o

aparecimento do estímulo-alvo e a execução da resposta motora correta. A ordem dos blocos era balanceada e praticada de forma aleatória pelos participantes, evitando efeitos de aprendizagem de acordo com a ordem dos emparelhamentos. Após a finalização do teste o participante recebia um feedback sobre o seu desempenho. Era apresentado, automaticamente, pelo programa, um valor referente ao escore D do participante, com uma descrição sobre a direção da associação, positiva ou negativa e sobre sua força, classificada como fraca, moderada ou forte. O escore D corresponde à diferença de tempo para associação dos valores com o lado direito e o lado esquerdo, ponderado pelo desvio padrão de todos os tempos de latência (direito + esquerdo) (Greenwald, McGhee & Schwartz, 1998).

4.4 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram tabulados e as análises estatísticas foram realizadas com o auxílio do software *Jasp*, versão 0.11.1 e *Factor*, versão 10.10.02. As análises descritivas foram realizadas tendo por base o estabelecimento de médias e desvio-padrão. Foram realizadas correlações entre os instrumentos utilizados e o instrumento construído (Teste de Associação Implícita – Neuroticismo). Para análise do TAI-Neuroticismo, foi calculado o escore D, conforme proposto por Greenwald et al. (2003).

Foram calculadas estatísticas descritivas com o intuito de caracterizar as amostras de participantes, e inferenciais visando comprovar as hipóteses.

5 RESULTADOS

Essa seção será dividida duas partes. A primeira trará uma análise da confiabilidade dos instrumentos utilizados. A segunda buscará responder os objetivos propostos na presente tese.

5.1 REVISÃO DA CONFIABILIDADE DOS INSTRUMENTOS

Estão disponíveis diversas técnicas estatísticas para estimar os coeficientes de precisão de um instrumento. Elas têm o objetivo de estimar a porcentagem da variância verdadeira que um teste está mensurando. Para garantir a confiabilidade dos instrumentos utilizados na presente pesquisa, foram observados os índices de consistência interna dos instrumentos, por meio coeficiente alfa de Cronbach.

O Alfa de Cronbach reflete o grau de covariância das variáveis entre si (Pasquali, 2003). O objetivo é estimar a homogeneidade/heterogeneidade de um conjunto de itens (Anastasi & Urbina, 2000). Deste modo, representa um índice estatístico que fornece informações sobre a coesão dos itens de um determinado instrumento de medida (Maroco & Garcia-Marquez, 2006).

De maneira geral, para instrumentos de avaliação psicológica, índices de confiabilidade maiores que 0,80 são considerados desejáveis e, maiores que 0,7 são considerados apropriados (Anastasi & Urbina, 2000; Maroco, 2010; Primi, 2012). Nesta tese, utilizou-se como critério, índices de consistência interna pelo menos superiores a 0,6 como sendo satisfatórios. Este critério também é adotado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) na Resolução nº 09/2018 (CFP, 2018). As descrições dos processos de análises serão apresentadas por instrumento, na tabela 1.

O Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade, na sua versão validada para o Brasil por Andrade (2008), foi o instrumento utilizado como medida

explícita para avaliação do neuroticismo. Para verificar a sua precisão, foram realizadas análises de consistência interna com os 44 itens que constituíam inicialmente o instrumento, por fator.

Tabela 1 – Dados referentes aos Alfa de Cronbach

	Nº de itens	α inicial	Itens excluídos	α final
IGFP – Abertura	10	0,726	-	0,726
IGFP – Conscienciosidade	9	0,671	-	0,671
IGFP – Extroversão	8	0,846	-	0,846
IGFP – Amabilidade	9	0,620	-	0,620
IGFP – Neuroticismo	8	0,743	-	0,743
Mémoria de Lista de Palavras	-	0,730	-	0,730
Prova de Raciocínio Verbal (RV)	25	0,585	1	0,612

Fonte: Autor

Os índices de consistência interna dos fatores do IGFP foram todos considerados aceitáveis, sendo dois acima de 0,6, outros dois acima de 0,7 e um acima de 0,8. A lista de palavras do subteste da bateria CERAD, foi o instrumento utilizado para avaliar a memória episódica. Foi realizada a análise de consistência interna apresentando alfa de Cronbach de 0,728.

Para avaliação do Raciocínio Verbal, foi utilizada a prova de Raciocínio Verbal (RV), da forma B, da Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5). Este instrumento possui 25 itens e após a análise de consistência interna, apresentou alfa de Cronbach

de 0,585. Buscando melhorar o índice de confiabilidade, foi feita a eliminação do item 18. Como resultado, o instrumento ficou com 24 itens e apresentou alfa de Cronbach de 0,612. O Teste de Atenção Concentrada fornece apenas uma pontuação total, deste modo, não foi possível calcular a consistência interna deste instrumento. Pode-se observar nestas análises que os índices de confiabilidade dos instrumentos utilizados atendem as diretrizes nacionais (CFP, 2018) e internacionais (AERA, APA & NCME, 2014; Ambiel & Carvalho, 2017). Desta forma, constatam-se evidências que consideram estes instrumentos adequados para uso em pesquisas.

5.2 EVIDÊNCIAS DE VALIDADE DO TESTE DE ASSOCIAÇÃO IMPLÍCITA PARA O FATOR NEUROTICISMO – TAI-NEUROTICISMO

5.2.1 Buscas de evidências de validade com base na estrutura

O principal recurso estatístico para investigação da validade com base na estrutura interna foi a análise fatorial, uma vez que esta representa uma maneira direta de verificar a hipótese da legitimidade da representação comportamental do construto que se pretende medir através da análise dos padrões de correlações entre os itens do teste (Pasquali, 2003; 2012; Dancey & Reidy, 2013). Segundo a literatura, a Análise Fatorial Exploratória permite analisar as matrizes de correlação entre variáveis e identificar agrupamentos de itens correlacionados, indicando as dimensões subjacentes aos itens (Costa & McCrae, 2007). Esta identificação permite verificar se os itens estão organizados de acordo com as previsões teóricas.

Como primeira etapa foi realizada a verificação da matriz de correlações, observando se de fato há covariâncias ou se todas as variáveis são independentes (Laros & Puente-Palacios, 2004). Para verificar o grau de associação entre as medidas das facetas do TAI-Neuroticismo, foram calculados os coeficientes de correlação, cujos resultados podem ser observados na Tabela 2.

Embora se possa observar algumas correlações próximas a zero, há o predomínio de um padrão de correlações significativamente positivas entre as variáveis, o que sugere a formação de um único fator. Dos 15 coeficientes de correlação calculados, cinco foram significativos e de magnitude moderada (verde), sete foram significativos e de magnitude baixa (amarelo) e três foram não significativas.

Tabela 2 - Valores de correlação de Pearson's – TAI – Neuroticismo

	TAI Ansiedade	TAI Raiva	TAI Depressão	TAI Embaraço	TAI Impuls	TAI Vulnerab
TAI Ansiedade	-					
TAI Raiva	0.031	-				
TAI Depressão	0.462***	0.254*	-			
TAI Embaraço	0.312**	0.089	0.436***	-		
TAI Impulsividade	0.244*	0.480***	0.223*	0.180	-	
TAI Vulnerabilidade	0.236*	0.396***	0.226*	0.284**	0.427***	-

* p < .05, ** p < .01, *** p < .001

Fonte: Autor

A partir da constatação que há correlações positivas entre as facetas do neuroticismo avaliadas pelo TAI, foi realizada a análise fatorial exploratória para verificar se elas formariam uma solução unifatorial, conforme expectativa teórica. Para esta verificação, foi empregado o Teste de adequação da amostra de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO), responsável por comparar as magnitudes dos coeficientes de correlação observados com os coeficientes de correlação parcial (Alzina, 1989). Este índice é um

indicador da quantidade de variância comum existente entre os itens. Valores acima de 0,8 são considerados ótimos, valores entre 0,7 e 0,8 são considerados bons e valores entre 0,5 e 0,7 são considerados medíocres (Hutcheson & Sofroniou, 1999; Pasquali, 2012). As medidas indicaram um modesto ajuste aos dados para a análise fatorial (KMO = 0,660 e prova de esfericidade de Bartlett = 117,8; gl = 15; $p < 0,0001$). Assim, a análise foi realizada com extração dos fatores por *Robust Diagonally Weighted Least Squares* (RDWLS) e rotação *Robust Promin*. As cargas fatoriais resultantes são apresentadas na Tabela 3.

Tabela 3 – Análise Fatorial Exploratória – TAI-Neuroticismo

Variável	F1
TAI - Ansiedade	0,502
TAI - Raiva	0,560
TAI - Depressão	0,580
TAI - Embaraço	0,485
TAI - Impulsividade	0,621
TAI - Vulnerabilidade	0,608

Fonte: Autor

A análise paralela mostrou que apenas um fator obtidos com dados reais apresentou a porcentagem de variância explicada (51,87%) superior a porcentagem de variância explicada por dados aleatórios (34,31%). Com a estrutura fatorial confirmada, foi realizada a análise de precisão através de dois indicadores: Alfa de Cronbach ($\alpha=0,705$) e Ômega de McDonald ($\omega=0,707$). A utilização de dois indicadores visa aumentar a confiabilidade da interpretação, uma vez que têm sido

observadas inconsistências da confiabilidade por meio do Alfa de Cronbach (Cortina, 1993; Schmitt, 1996; Vaske, Beaman & Sponarski, 2017), e o ômega de McDonald fornece um indicador que leva em consideração o peso dos itens no fator, razão pela qual tem sido recomendada sua utilização no lugar do alfa (por exemplo, Hayes & Coutts, 2020). Em investigações exploratórias, como a primeira versão de um instrumento em desenvolvimento, caso do presente estudo, valores acima de 0,6 passam a ser aceitáveis (Hair et al., 2009).

5.2.2 Buscas de evidências de validade com base na relação com variáveis externas

Para verificar a validade com base na relação com variáveis externas, foram realizados estudos de validade convergente (com medidas explícitas dos Cinco Grandes Fatores) e discriminante (com medidas de desempenho cognitivo em atenção, memória e raciocínio). O estudo de validade convergente foi realizado por meio da observação das correlações entre uma medida explícita dos cinco grandes fatores (Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade – IGFP – 5) e as medidas implícitas do traço de neuroticismo (Teste de Associação Implícita – TAI – Neuroticismo).

Observa-se que houve maior número de correlações significativas entre as medidas implícitas e a explícita de neuroticismo. No entanto, a medida explícita de extroversão apresentou correlações de maior magnitude com as medidas implícitas de neuroticismo. Além disso, as medidas do TAI-Raiva e TAI-Vulnerabilidade apresentaram correlações não significativas com a medida explícita de neuroticismo.

Tabela 4 – Correlação entre medida implícita e medidas explícitas de Neuroticismo

	TAI Ansiedade	TAI Raiva	TAI Depressão	TAI Embaraço	TAI Impuls	TAI Vulnera b	TAI NEURO
Extroversão	-0.191	-0.033	-0.506***	-0.401***	-0.150	-0.108	-0.380***
Abertura	-0.091	-0.063	-0.203*	-0.242*	-0.141	-0.085	-0.220*
Neuroticismo	0.304 **	0.080	0.228*	0.409***	0.215*	0.140	0.368***
Conscienciosidad e	-0.070	0.001	0.216*	-0.038	-0.106	0.066	0.024
Amabilidade	-0.092	-0.102	-0.146	-0.122	-0.215*	-0.031	-0.185
Alfa	-0.291**	-0.106	-0.124	-0.363***	-0.309**	-0.080	-0.335***
Beta	-0.185	-0.056	-0.471 ***	-0.414***	-0.181	-0.121	-0.388***

Fonte: Autor

Em razão da observação de correlações significativas entre o TAI-Neuroticismo e as medidas explícitas de extroversão, neuroticismo e abertura, foi realizada uma análise de regressão linear pelo método *stepwise*, com o TAI-Neuroticismo como variável dependente e as de autorrelato como variáveis preditoras independentes. Extroversão foi capaz de predizer 15,7% da variância do TAI-N ($R^2=0,157$) e a entrada da variável neuroticismo elevou o poder de predição para 22,7% da variância do TAI-N ($R^2=0,227$). O traço de abertura não foi um preditor significativo nessa análise. Os coeficientes de regressão são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5 – Modelo de regressão para predição do TAI-Neuroticismo

Modelo	B	Erro padrão	Beta	t	p
1 (Intercept)	0.075	0.086		0.872	0.385
Extroversão	- 0.116	0.027	-0.396	-4.270	<.001
2 (Intercept)	-0.239	0.134		-1.775	0.079
Extroversão	-0.094	0.027	-0.319	-3.435	<.001
Neuroticismo	0.083	0.028	0.277	2.976	0.004

Fonte: Autor

Uma vez constatado que a variância no TAI-Neuroticismo pode ser explicada por uma combinação ponderada das pontuações nas medidas de autorrelato em extroversão e neuroticismo, perguntou-se haveria diferentes facetas do TAI-Neuroticismo como preditoras das medidas explícitas de extroversão e neuroticismo. Para responder a essa pergunta, foram realizadas mais duas análises de regressão com entrada das variáveis pelo método *stepwise*, com as seis facetas do TAI-Neuroticismo como preditoras e as os traços de extroversão e neuroticismo como variáveis dependentes, respectivamente. Os resultados são apresentados nas tabelas 6 e 7 abaixo.

Tabela 6 – Modelo de regressão para predição da medida explícita de extroversão

Modelo	B	Erro padrão	Beta	t	p
1 (Intercept)	3.025	0.071		42.453	<.001
TAI-Embaraço	0.888	0.200	0.409	4.436	<.001
2 (Intercept)	3.127	0.086		36.375	<.001
TAI-Embaraço	0.755	0.207	0.348	3.645	<.001
TAI-Ansiedade	0.390	0.190	0.196	2.052	0.043

Fonte: Autor

Nota-se que o traço de neuroticismo, medido por autorrelato, pode ser significativamente predito por uma combinação das pontuações nas medidas de TAI-Embaraço e TAI-Ansiedade. TAI-Embaraço foi capaz de predizer 16,7% ($R^2=0,167$) da variância de neuroticismo, enquanto que a entrada de TAI-Ansiedade elevou o poder de predição para 20,2% ($R^2=0,202$).

Tabela 7 – Modelo de regressão para predição da medida explícita de neuroticismo

Modelo	B	Erro padrão	Beta	t	p
1 (Intercept)	2.835	0.079		36.101	<.001
TAI-Depressão	-1.019	0.175	-0.506	-5.813	<.001
2 (Intercept)	2.841	0.077		36.979	<.001
TAI-Depressão	-0.824	0.190	-0.409	-4.325	<.001
TAI- Embaraço	-0.492	0.209	-0.222	-2.350	0.021

Fonte: Autor

As variáveis TAI-Depressão e TAI-Embaraço foram capazes de predizer um total de 29,6% da variância do traço de extroversão (autorrelato), com TAI-Embaraço sendo responsável pelo acréscimo de 4% de predição em relação aos 25,6% da variância preditos pelo TAI-Depressão.

O estudo de validade discriminante foi realizado calculando a correlação entre a medida implícita do traço de Neuroticismo (Teste de Associação Implícita – TAI – Neuroticismo) e medidas explícitas de processos cognitivos (Teste de Atenção Concentrada, Teste de Memória Episódica e Prova de Raciocínio Verbal da Bateria de Provas de Raciocínio). Os resultados são apresentados na Tabela 8.

Tabela 8 – Correlação entre medida implícita e medidas explícitas de processos cognitivos

	TAI Ansiedade	TAI Raiva	TAI Depressão	TAI Embaraço	TAI Impulsividade	TAI Vulnerabilidade
Atenção	-0.137	-0.159	-0.142	-0.078	-0.046	-0.132
Memória	-0.185	-0.041	-0.141	-0.242*	-0.106	-0.196
Raciocínio verbal	-0.040	-0.263**	-0.224*	0.020	-0.120	-0.174

Fonte: Autor

Foi observado o predomínio de correlações baixas e não significativas entre as medidas implícitas de neuroticismo e as medidas cognitivas. As exceções foram as medidas implícitas de raiva, depressão e embaraço, que apresentaram correlações negativas de baixa magnitude, mas significativas, com raciocínio verbal (as duas primeiras) e memória.

6 DISCUSSÃO

A presente tese se propôs a construir uma medida implícita para avaliação do traço de personalidade neuroticismo, tendo como base o modelo teórico dos Cinco Grande Fatores de Personalidade. Para tanto, alguns objetivos foram definidos: buscar evidências de validade com base na estrutura interna do instrumento, investigar a validade convergente com uma medida explícita de personalidade e investigar a validade discriminante com medidas implícitas de processos cognitivos.

Em relação à validade baseada na estrutura interna, parte-se do conceito da análise fatorial exploratória, que visa analisar as matrizes de correlação entre variáveis e identificar agrupamentos de itens correlacionados, indicando as dimensões subjacentes aos itens (Costa & McCrae, 2007). Foi identificado nos resultados encontrados, tanto na matriz de correlações entre as facetas do TAI-Neuroticismo quanto na análise fatorial, que os itens utilizados na construção do TAI-Neuroticismo se organizam de acordo com as previsões teóricas, agrupando-se e formando um único fator para explicar este traço.

Essa ocorrência também foi observada em outros estudos. Teóricos adeptos da abordagem dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade argumentam que os fatores do modelo podem ser encontrados em praticamente todos os instrumentos de personalidade e destacam que esta constatação não ocorre ao acaso, considerando que a identificação de tais fatores tem se mostrado consistente em diferentes amostras (Costa & McCrae, 1995; Digman, 1990). No entanto, poucos estudos foram desenvolvidos para investigar o comportamento das facetas em cada fator e não há registro, no contexto brasileiro, de estudos que investiguem esta questão fazendo uso de medida implícita.

Nesta perspectiva, observa-se que o agrupamento das facetas nos Cinco Grandes Fatores é um resultado comum observado na literatura científica. Na Argentina, por exemplo, foi desenvolvido um estudo para construção de um banco de itens de facetas do neuroticismo para o projeto de um teste adaptativo. Os pesquisadores solicitaram que especialistas avaliassem a congruência das definições das facetas do neuroticismo com a relevância de seus indicadores. Eles fizeram uma revisão de elementos de vários instrumentos reconhecidos que medem a dimensão do neuroticismo, suas facetas e construções relacionadas conceitualmente. Nos resultados encontrados, observaram correlações moderadas entre as facetas impulsividade e vulnerabilidade e correlações altas entre ansiedade e depressão (Auné, Abal & Attorresi, 2019). Entre os estudos brasileiros com medidas explícitas, os resultados encontrados na análise fatorial da Bateria Fatorial de Personalidade (Nunes, Hutz & Nunes, 2010) indicaram que todas as facetas do instrumento apresentaram carga mais elevada nos fatores onde eram esperadas, incluindo as do traço de neuroticismo. Nesse sentido, os resultados encontrados neste estudo são compatíveis com os encontrados na Bateria Fatorial de Personalidade.

A maioria dos adjetivos empregados nas facetas utilizadas para avaliação do neuroticismo através do TAI-Neuroticismo se correlacionaram entre si. Esta covariância das facetas apresenta uma tendência a reações semelhantes a todos os adjetivos apresentados. A constatação desta unifatorialidade explica porque a pessoa que se apresenta ansiosa, também tende a se apresentar depressiva e vulnerável, por exemplo, características identificadas nas facetas que constituem o neuroticismo.

No caso do TAI, subjacente a esta constatação está o fato de que as pessoas apresentam tempos de reação semelhantes a adjetivos relacionados a diferentes

facetas do neuroticismo. Esses tempos de reação representam reações automáticas quanto ao autoconceito em relação a essas diferentes facetas. Quanto mais rápida for à avaliação de uma pessoa sobre a associação entre um conceito (neuroticismo x estabilidade) e um atributo (eu x outros), mais sentido esta relação faz para ela (Andrews, Greenwald, Hampson, Gordon, & Widdop, 2010). O conceito que a pessoa formou sobre como ela lida com as emoções negativas influencia no tempo de reação que resulta nos escores (Dentale, Vecchione & Barbaranelli, 2015).

Em decorrência disso, pontuações positivas significam que a pessoa fez mais associações automáticas, com menores tempos de reação entre o eu e estabilidade, enquanto pontuações negativas indicam que a pessoa fez mais associações automáticas, com menores tempos de reação, entre eu e neuroticismo. Portanto, essa é uma evidência que dá suporte a interpretação dos escores com base no conceito de neuroticismo relacionado com a ideia de maior ou menor capacidade para lidar com emoções negativas.

Essa interpretação é compatível com achados relatados na literatura científica. Por exemplo, pessoas com altos índices de neuroticismo relatam que tem maiores dificuldades em controlar suas emoções, bem como controlar seus comportamentos quando experimentam fortes emoções (John & Gross, 2007). Tais dificuldades não se limitam, aparentemente, a emoção. Estes indivíduos também relatam dificuldades para suprimir pensamentos indesejados (Munoz, Sliwinski, Smyth, Almeida e King, 2013).

Informações carregadas de emoção, ao entrarem em contato com o sistema cognitivo, são interpretadas como estados emocionais. Desta forma, percebe-se que a emoção influencia no pensamento e o contrário também ocorre, ou seja, emoções e cognição se influenciam mutuamente (Mayer & Salovey, 1997). Nesta perspectiva,

as correlações encontradas no presente estudo reforçam a ideia de que a medida implícita do TAI acessa conteúdo emocional através do processamento cognitivo implícito. A depender da emoção experimentada, a compreensão de mundo, ou no caso do teste em questão, a autopercepção, pode se apresentar de forma mais positiva ou negativa.

Como as facetas se organizaram em um único fator, na prática, quanto mais as pontuações das pessoas se afastam do zero para o lado negativo, mais elas tendem a ser impulsivas (por exemplo, insensato, imprudente), vulneráveis (por exemplo, instável, desequilibrado), depressivas (por exemplo, sozinho, pessimista), raivosas (por exemplo, irritado, explosivo), ansiosas (por exemplo, apreensivo, tenso) e embaraçadas (por exemplo, envergonhado, constrangido). Por outro lado, quanto mais as pontuações das pessoas se afastam do zero para o lado positivo, mais elas tendem a ser controladas (por exemplo, paciente, prudente), relaxadas (por exemplo, descansado, equilibrado), entusiasmadas (por exemplo, otimista, feliz), amorosas (por exemplo, paciente, sossegado), serenas (por exemplo, confortável, relaxado) e extrovertidas (por exemplo, desinibido, confortável).

De fato, a co-ocorrência entre as facetas do neuroticismo já foi amplamente discutida na literatura. Os sentimentos de vergonha e tristeza, por exemplo, são os pilares em que se baseiam as facetas da depressão e do embaraço (McCrae & Costa, 2003). O medo pode ser percebido subjetivamente por meio da tensão, do nervosismo e da opressão, características observadas nas facetas depressão, ansiedade e embaraço. O indivíduo medroso apresenta um comportamento perturbado pela apreensão do fracasso e questiona suas capacidades (Machado, 2006), como consequência, pode apresentar comportamentos como isolamento e desânimo, presentes nas referidas facetas.

As correlações entre as facetas demonstram outro aspecto interessante. Todas as facetas apresentaram correlações com pelo menos três outras facetas, mas não com todas as outras. O TAI-Vulnerabilidade foi a única faceta que apresentou correlação significativa com todas as outras facetas. Aparte isto, parece haver outros dois grupos de facetas intercorrelacionadas: um que reúne TAI-Depressão, TAI-Embaraço e TAI-Ansiedade e outro que reúne TAI-Impulsividade e TAI-Raiva. Uma possível explicação para essa ocorrência é a possibilidade de haver perfis de neuroticismo dentro da unifatorialidade, mas se faz necessário o desenvolvimento de novos estudos para investigar esta possibilidade.

Com vistas à busca de evidências de validade baseadas nas relações com variáveis externas, foram realizados dois estudos: o de validade convergente, entre as medidas do TAI-Neuroticismo e as medidas explícitas dos Cinco Grandes Fatores, e o de validade discriminante, entre o TAI-Neuroticismo e medidas de desempenho cognitivo (atenção, memória e raciocínio). Esperava-se encontrar forte associação entre as medidas implícitas e explícitas de neuroticismo e baixa ou nenhuma associação entre a medida implícita de neuroticismo e as medidas cognitivas.

Os resultados encontrados no estudo da validade convergente do TAI com a medida explícita (IGFP-5), colaboram com esta discussão. A primeira hipótese deste estudo tratava da expectativa em se encontrar correlações entre as medidas implícitas e explícitas para o neuroticismo. Os resultados encontrados nas análises correlacionais e de regressão confirmam a convergência entre as medidas de neuroticismo pelo TAI e por autorrelato (explícita). No entanto, as correlações foram de baixas a moderadas, revelando que embora se possa inferir certa convergência, também houve alguma variância única, indicando que se ambos os tipos de medidas estão relacionados com o traço de neuroticismo, eles devem estar captando aspectos

distintos desse traço. Mais do que isso, as medidas do TAI também convergiram com a medida explícita de extroversão. E as análises de regressão mostraram que as medidas TAI-Embaraço (principalmente) e TAI-Ansiedade são preditoras do traço de neuroticismo (explícita), enquanto as medidas TAI-Depressão (principalmente) e TAI-Embaraço são preditoras do traço de extroversão (explícita).

As correlações encontradas são inusitadas, com destaque para a forte correlação negativa entre TAI-Neuroticismo e o fator extroversão da medida explícita. Este resultado pode indicar que a parte biológica do neuroticismo se correlaciona com a parte social da medida explícita, partindo-se do pressuposto que a medida implícita acessa informações inconscientes e a medida explícita é uma medida de autorrelato. Os adjetivos utilizados nos subtestes que apresentaram alta correlação negativa com a medida explícita prejudicam o aspecto relacional da extroversão. Introverso, constrangido, dependente, sozinho, pessimista e fracassado, adjetivos utilizados no subtestes TAI-Depressão e TAI-Embaraço, realmente caminham em direção oposta a feliz, acompanhado, animado e otimista, características do traço de extroversão.

A literatura interpreta a relação entre medidas implícitas e explícitas como uma interação na predição de um critério comportamental. Empiricamente, tem como objetivo testar se a interação entre medidas implícitas e explícitas fornecem uma contribuição significativa (Schröder-Abé, Rudolph, Wiesner e Schütz, 2007) e os resultados encontrados neste estudo indicam a relevância desta relação, uma vez que se observa que as distintas medidas acessam diferentes informações acerca de um mesmo construto. A correlação entre medidas de TAI e autorrelato trata do poder de predição de comportamento através de medidas implícitas e explícitas. Essa interação não necessariamente precisa ser significativa. Estudos relatam a observação de um efeito sinérgico devido a uma congruência substancial entre representações

associativas, através das medidas implícitas e, proposicionais, através das medidas explícitas (Perugini et al, 2010).

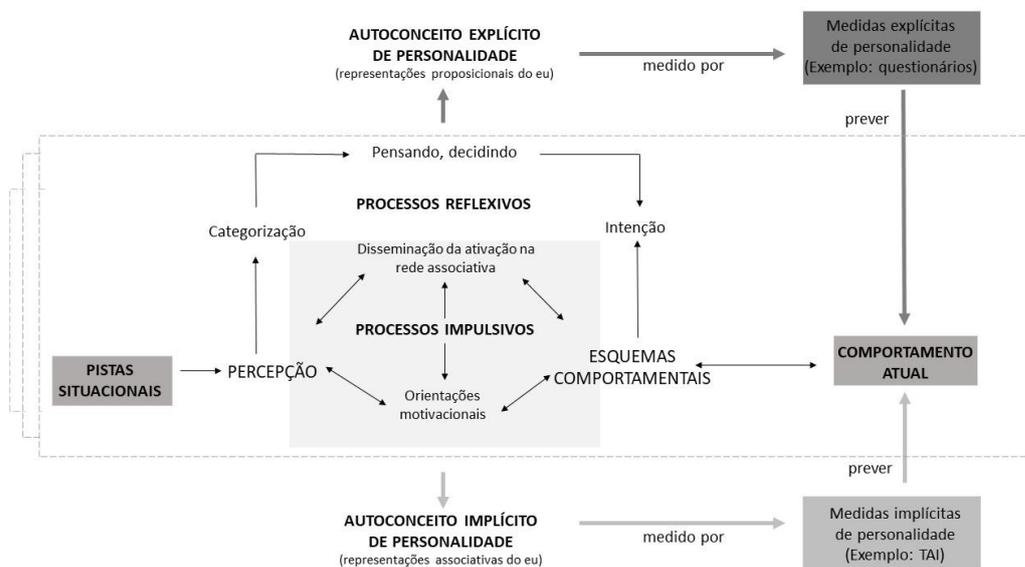
As pesquisas na área da avaliação da psicologia da personalidade basearam-se, quase que exclusivamente em autorrelatos introspectivos de comportamento (Baumeister, Vohs & Funder, 2007; Funder, 2001). Medidas implícitas como o TAI buscam investigar a influência da personalidade no comportamento diretamente observável, ou seja, sobre o que as pessoas realmente fazem. Estas investigações buscam entender como a personalidade pode influenciar o comportamento real e, para isso, se faz necessário considerar os processos que determinam o comportamento social em geral. Uma grande quantidade de pesquisas mostrou que os indivíduos processam informações sobre si mesmos e o seu ambiente não apenas de modo explícito (ou seja, controlado ou consciente), mas também de modo implícito (isto é, automático ou inconsciente) (Bargh & Chartrand, 1999; Dijksterhuis & Nordgren, 2006; Epstein, 1994; Fazio, 1990; Greenwald e Banaji, 1995; Greenwald et al., 2002; Wilson, Lindsley, & Schooler, 2000).

Strack & Deutsch (2004) desenvolveram um modelo de processo duplo, o modelo reflexivo-impulsivo, que explica o comportamento social como uma função conjunta de dois tipos distintos de processos, embora relacionados: (1) os aspectos de uma situação são conscientemente percebidos e categorizados, o conhecimento sobre o valor e as possíveis consequências de diferentes opções de comportamento é ponderado, e é tomada uma decisão que ativa os esquemas comportamentais correspondentes (processos reflexivos); (2) a entrada perceptiva aciona diretamente a ativação de elementos esquemáticos em uma rede associativa, e a disseminação da ativação leva automaticamente a ativação de esquemas comportamentais

(processos impulsivos). O funcionamento deste modelo pode ser melhor observado na Figura 4.

Os termos dentro do retângulo tracejado referem-se às características da situação real (estado) e termos fora do retângulo tracejado para características estáveis da pessoa (característica). Vários retângulos tracejados indicam várias situações. De acordo com estes conceitos, o comportamento social é executado sempre que a ativação de um esquema comportamental exceder um determinado limite. Essa ativação pode ser desencadeada por processos reflexivos e impulsivos, sendo assim, os esquemas comportamentais formam um caminho comum para o comportamento social real.

Figura 4 - Modelo de processo comportamental da personalidade



Nota: adaptação orientada para a personalidade do modelo impulsivo (Strack & Deutsch, 2004).

Fonte: Autor

A personalidade pode ser entendida como o resultado do funcionamento típico de ambos os tipos de processos. Por um lado, a operação típica de processos reflexivos - como as pessoas normalmente percebem e categorizam situações, quais

opções comportamentais preferem e como percebem deliberadamente essas preferências – se condensam em representações proposicionais do eu (por exemplo, “eu sou uma pessoa que gosta de se divertir com os outros”). As medidas desses aspectos do eu, por sua vez, preveem como o comportamento (por exemplo, contar uma piada) em uma determinada situação (por exemplo, chegar a uma festa) é voluntariamente controlado. As diferenças individuais nas representações proposicionais do eu podem ser denominadas autoconceito explícito de personalidade e isto geralmente é medido com instrumentos de autprrelato (medidas explícitas) (Back, Schmukle & Egloff, 2009).

Por outro lado, o funcionamento típico de processos impulsivos – como pistas situacionais são processadas automaticamente e que tipos de ações são executadas automaticamente – deve levar a vínculos associativos crônicos entre elementos de rede associativos. As representações associativas do eu (por exemplo, “eu” – “triste”) podem resultar da ativação repetida do eu, como um conceito em uma rede associativa, juntamente com um padrão de ativação comportamental impulsiva, caracterizada por características perceptivas da situação (por exemplo, muitas pessoas), uma tendência motivacional impulsiva (por exemplo, isolar-se) e um comportamento espontâneo resultante (por exemplo, chorar) que, por sua vez, ativa o conceito de característica (por exemplo, triste). Quanto mais frequentemente um indivíduo executa tal curso de ação, mais forte será sua associação entre o eu e o respectivo conceito de característica (Back, Schmukle & Egloff, 2009).

Neste sentido, medidas de representações associativas do eu predizem a execução automática do comportamento em uma dada situação. As diferenças individuais nas representações associativas do eu podem ser chamadas de autoconceito implícito de personalidade (Asendorpf, Banse & Mucke, 2002). Isso pode

ser medido com testes indiretos de personalidade, como o exemplo do Teste de Associação Implícita para a medição de neuroticismo. Portanto, entender e prever o comportamento real requer consideração do autoconceito explícito e implícito da personalidade.

Uma meta-análise recente de estudos funcionais de neuroimagem fornece suporte para essa hipótese, pois o neuroticismo foi associado à ativação em regiões do cérebro envolvidas no aprendizado do medo, detecção de ameaças, processamento afetivo e controle comportamental (Servaas et al., 2013). Esse aprendizado, possivelmente, facilita as rotas de associação entre conceitos ligados ao “eu” e adjetivos ligados ao neuroticismo, tornando os tempos de reação mais curtos no TAI-Neuroticismo.

A discussão acerca dessa diferença sobre o que é avaliado através dos dois tipos de medida, explícita e implícita, reforçada nos resultados do estudo, indica a relevância do uso das duas medidas, especialmente no exercício profissional do psicólogo. Obter informações de caráter mais biológico, como também social, se faz extremamente relevante no estudo da personalidade. Os achados discutem que não há o uso de uma medida em detrimento da outra, mas sim que o processo avaliativo contemple o uso de ambas, compreendendo o que é captado por cada uma delas.

A maioria dos estudos acerca da validade preditiva do TAI assume o uso do teste como um padrão aditivo de previsão. Um estudo meta-analítico (Greenwald et al. 2009) revisou o poder preditivo de muitas medidas do TAI e resumiu os resultados de 184 estudos. Esta revisão incluiu estudos em diversas áreas de pesquisa, tais como preferência do consumidor, diferenças de personalidade, uso de álcool e drogas, preferências políticas, entre outros. Algumas conclusões importantes foram observadas: as medidas do TAI foram consideradas preditoras úteis de

comportamento social e medidas de TAI e autorrelato preveem as variáveis de critério independentemente uma da outra, sugerido que ambos tipos de medida podem ser úteis em pesquisas aplicadas. Dentale, Vecchione & Barbaranelli (2015) encontraram em seus estudos que os Cinco Grandes Fatores de Personalidade podem ser avaliados usando o TAI. Foi demonstrado que as medidas implícitas capturam principalmente diferenças individuais, capazes de prever comportamento real, embora devam ser distinguidas conceitualmente das medidas explícitas.

A segunda hipótese do estudo tratava de uma validade discriminante entre o TAI e outros instrumentos de desempenho cognitivo utilizados para medir atenção, memória e raciocínio verbal. Os resultados apontaram predomínio de correlações não-significativa embora tenha ocorrido algumas correlações positivas significativas, mas de baixa magnitude. Esse padrão de correlações confirma a hipótese de discriminância, uma vez que o conjunto de dados converge muito mais forte e abundantemente com medidas do IGFP—5 do que com as demais medidas cognitivas.

Apesar do predomínio de correlações não significativas entre as medidas do TAI e as de habilidades cognitivas, foram observadas correlações negativas baixas e significativas do TAI-Depressão e do TAI-Raiva com a medida explícita de inteligência (Prova de Raciocínio Verbal). Segundo a literatura, há uma correlação entre altos índices de neuroticismo e baixos índices de desempenho cognitivo. Foi demonstrado que o neuroticismo estava negativamente correlacionado ao desempenho da inteligência não-verbal. Estes achados sugerem que o neuroticismo está associado ao comprometimento cognitivo (Boyle et al., 2010; Williams, Suchy e Kraybill, 2010; Wilson et al., 2003).

Outros estudos descrevem a relação entre o neuroticismo e funções cognitivas em populações clínicas, no entanto, também se encontram registro destas relações negativas independentemente de psicopatologia ou neuropatologia, apesar de serem bem menos compreendidos, sendo necessárias investigações mais profundas futuramente (Duchek, Balota, Storandt e Larsen, 2007; Wilson et al., 2003). Pessoas com neuroticismo elevado se queixem de propensão a falhas cognitivas (Flehmig, Steinborn, Langner e Westhoff, 2007) e relatem menos atenção em suas atividades diárias (Fetterman et al., 2010). Entre indivíduos saudáveis, o neuroticismo afeta negativamente o funcionamento intelectual, a inteligência cristalizada, a inteligência fluida e a memória de trabalho (Ackerman & Heggestad, 1997; Munoz, Sliwinski, Smyth, Almeida e King, 2013). Sendo assim, a correlação negativa encontrada no presente estudo entre desempenho em uma medida de inteligência e o TAI, se justifica.

Por fim, este conjunto de resultados sugere que o instrumento pode ser utilizado para avaliação do neuroticismo com validade interna, validade com base na relação com outras variáveis e precisão. De modo geral, os objetivos propostos para este trabalho acadêmico foram alcançados, oferecendo contribuições a área da Avaliação Psicológica, das medidas implícitas e do estudo da personalidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um trabalho científico que produziu resultados relevantes uma vez que o neuroticismo tem um impacto significativo em muitas áreas. As pessoas sofrem ao apresentarem altos índices no traço, com efeitos negativos na plena atuação em áreas importantes da expressão humana, tais como trabalho, relacionamentos amorosos, relacionamento com outras pessoas, saúde física, entre outros. Estes efeitos negativos já foram discutidos na literatura sendo constatado que o neuroticismo é um fator de vulnerabilidade subjacente ao desenvolvimento e manutenção de vários distúrbios psicopatológicos e doenças físicas, tais como doenças cardíacas, diabetes, asma ou síndrome do intestino irritável (Lahey, 2009).

Deste modo, investigar o neuroticismo pode oferecer vantagens para o planejamento de estratégias de prevenção e intervenção transdiagnósticas. As pesquisas atuais têm apresentado que essa característica pode ser mais maleável do que se supunha anteriormente, podendo ser possível o desenho de tratamentos com objetivos focados na diminuição do neuroticismo (Drake, Morris & Davis, 2017; Sauer-Zavala, Wilner, & Barlow, 2017). Nessa perspectiva, tais achados indicam que a identificação de altos níveis de neuroticismo na população em geral pode ser recomendada como requisito para cuidados clínicos de rotina (Hengartner, Kawohl, Haker, Rössler e Ajdacic-Gross, 2016; Widiger, 2009; Widiger & Oltmanns, 2017). Sendo assim, ter instrumentos para avaliação diferentes dos usualmente comercializados é importante. O instrumento produzido nesta tese, até onde se sabe, é pioneiro no contexto brasileiro.

Do ponto de vista da limitação do estudo, identificamos que a amostra foi pequena e que predominou a participação de estudantes universitários. Os resultados obtidos foram encorajadores e deficiências desta natureza são naturais considerando

as limitações de alcance da pesquisa, neste sentido, visando superar características que viessem a amostra, sugere-se o desenvolvimento de outros estudos com outras amostras, tais como adultos com diferentes níveis educacionais, diferentes faixas etárias, e níveis socioeconômicos, por exemplo.

Conclui-se que esta pesquisa abre um campo de estudo não somente para a autora, como também para os interessados pela área. É necessário, por exemplo, replicar este tipo de estudo com os outros quatro fatores da teoria dos Cinco Grandes Fatores e investigar as relações que estes fatores podem apresentar com diversas outras variáveis. Neste sentido, se faz importante o desenvolvimento de pesquisas visando identificar e compreender informações que permitam o avanço desta nova forma de medida, bem como possibilitem a ampliação do seu uso em diferentes contextos.

REFERÊNCIAS

- ACKERMAN, P. L., & HEGGESTAD, E. D. (1997). Intelligence, personality, and interests: Evidence for overlapping traits. **Psychological Bulletin**, 121(2), 219–245.
- ANASTASI, A. & URBINA, S. **Testagem Psicológica**. Porto Alegre: Artes Médicas. 2000.
- ANDRADE, J. M. (2008). **Evidências de Validade do Inventário dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade para o Brasil**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2008.
- ANDREASSEN, C. S., GRIFFITHS, M. D., GJERTSEN, S. R., KROSSBAKKEN, E., KVAM, S., & PALLESEN, S. (2013). The relationship between behavioral addictions and the five-factor model of personality. **Journal of Behavioral Addictions**, 2, 90–99.
- ANDREWS, J. A., HAMPSON, S. E., GREENWALD, A. G., GORDON, J., & WIDDOP, C. (2010). Using the Implicit Association Test to assess children's implicit attitudes toward smoking. **J. Appl. Soc. Psychol**, 40, 2387–2406
- AKHTAR, R., AHMETOGLU, G., & CHAMORRO-PREMUZIC, T. (2013). Greed Is Good? Assessing the Relationship between Entrepreneurship and Subclinical Psychopathy. **Personality and Individual Differences**, 54, 420-425.
- ALLPORT, G. W. **Personalidade padrões e desenvolvimento**. São Paulo: Herder; Editora da Universidade de São Paulo, 1966.
- ALLPORT, G. W. **Personalidade: padrões e desenvolvimento**. São Paulo: EPU, 1973.
- ALZINA, R. B. (1989). **Introducción conceptual al análisis multivariable. Um enfoque informático con los paquetes SPSS-XX, BMDP, LISREL y SPAD**. Vol I. Barcelona: PPU, S.A.
- AMBIEL, R. A. M., & CARVALHO, L. F. Validade e precisão de instrumentos de avaliação psicológica. In LINS, M. R. C. & BORSA, J. C. (orgs.), **Avaliação psicológica: aspectos teóricos e práticos**. Petrópolis: Vozes. 2017.
- AMERICAN EDUCATIONAL RESEARCH ASSOCIATION – AERA, AMERICAN PSYCHOLOGICAL ASSOCIATION –APA, AND NATIONAL COUNCIL ON MEASUREMENT IN EDUCATION – NCME. **Standards foreducational and psychological testing**. Washington, DC: o autor, 2014.
- ASENDORPF, J. B., BANSE, R., & MÜCKE, D. (2002). Double dissociation between implicit and explicit personality self-concept: The case of shy behavior. **Journal of Personality and Social Psychology**, 83(2), 380–393.
- ATHAYDE, R. A. A. **Medidas Implícitas de Valores Humanos: Elaboração e Evidências de Validade**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Psicologia,

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB, 2012.

ATKINSON, R. L., ATKINSON, R. C., SMITH, E. E., BEM, D. J., & NOLEN-HOEKSEMA, S. **Introdução à psicologia de Hilgard**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

AUNÉ, SOFÍA E., ABAL, FACUNDO J.P., & ATTORRESI, HORACIO F.. (2019). Construction na Psychometric Properties of the Loneliness Scale in Adults. **International Journal of Psychological Research**, 12(2), 82-90.

ÁVILA, L. M., & STEIN, L. M. (2006). A influência do traço de personalidade neuroticismo na suscetibilidade às falsas memórias. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 22(3), 339-346.

BAAYEN, R. H. AND MILIN, P (2010) Analyzing reaction times. **International Journal of Psychological Research**, 3(2), 12-28.

BACK, M. D., SCHMUKLE, S. C. & EGLOFF, B. (2005). Measuring task-switching ability in the Implicit Association Test. **Experimental Psychology**, 52, 167-179.

BACK, M. D., SCHMUKLE, S. C., & EGLOFF, B. (2009). Predicting actual behavior from the explicit and implicit self-concept of personality. **Journal of Personality and Social Psychology**, 97(3), 533–548.

BARENBAUM, N. B., & WINTER, D. G. (2008). History of modern personality theory and research. In O. P. John, R. W. Robins, & L. A. Pervin (Eds.), *Handbook of personality: Theory and research* (p. 3–26). **The Guilford Press**.

BASSILI, J. N., & BROWN, R. (2005). Implicit and explicit attitudes: Research, challenges and theory. In D. Albarracín, B. T. Johnson, & M. P. Zanna. (Eds.), **Handbook of attitudes and attitude change** (543-574). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

BASHORE T. Age-related changes in mental processing revealed by analyses of event- related brain potentials. In Rohrbaugh J, Parasuraman R, Johnson R (eds). *Event- related brain potentials: basic issues and applications*. New York: Oxford. 1990.

BARGH, J. A., & CHARTRAND, T. L. (1999). The unbearable automaticity of being. **American Psychologist**, 54(7), 462–479.

BAUMEISTER, R. F., VOHS, K. D., & FUNDER, D. C. (2007). Psychology as the Science of Self-Reports and Finger Movements: Whatever Happened to Actual Behavior? **Perspectives on Psychological Science**, 2(4), 396–403.

BENET-MARTINEZ, V., & JOHN, O. P. (1998). Los Cinco Grandes across cultures and ethnic groups: Multi-trait multi-method analyses of the Big Five in Spanish and English. **Journal of Personality and Social Psychology**, 75, 729-750.

BIENVENU O.J., STEIN M.B. (2003). Personality and anxiety disorders: A review. **Journal of Personality Disorders**, 17 (2) , pp. 139-151.

BOYLE, L. L., LYNESS, J. M., DUBERSTEIN, P. R., KARUZA, J., KING, D. A., MESSING, S., TU, X. (2010). Trait neuroticism, depression, and cognitive function in older primary care patients. **American Journal of Geriatric Psychiatry**, 18, 305–312.

BUENO, J. M. H., & PRIMI, R. (2003). Inteligência emocional: Um estudo de validade sobre a capacidade de perceber emoções. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 16(2), 279–291.

BUENO, J. M. H., & CORREIA, F. M. L., (2014). **Análise do Inventário de Habilidades Emocionais Revisado (IHE-R) com a Teoria de Resposta ao Item**. Relatório Final ao PBIC/UFPE/CNPq.

BRUNEL, F.F., TIETJE B.C., GREENWALD A.G. (2004). Is the Implicit Association Test a valid and valuable measure of implicit consumer social cognition? **J Consum Psychol**. 14(4), 385–404.

CAPRARA, G. V., & CERVONE, D. (2000). Personality: Determinants, dynamics, and potentials. **Cambridge University Press**.

CARVALHO, L. F., BARTHOLOMEU, D., & SILVA, M. C. R. (2010) Instrumentos para Avaliação dos Transtornos da Personalidade no Brasil. **Aval. psicol**, 9, (2), 289-298.

CASPI, A., ROBERTS, B. W., & SHINER, R. L. (2005). Personality development: Stability and change. **Annual Review of Psychology**, 56, 453-484.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). Resolução Nº 009, de 25 de abril de 2018. Estabelece diretrizes para a realização de Avaliação Psicológica no exercício profissional da psicóloga e do psicólogo, regulamenta o Sistema de Avaliação de Testes Psicológicos - SATEPSI e revoga as Resoluções nº 002/2003, nº 006/2004 e nº 005/2012 e Notas Técnicas nº 01/201 e 02/2017. Brasília, DF. 2018.

CHEN W, ET AL. (2014) Comprehensive analysis of protein N-glycosylation sites by combining chemical deglycosylation with LC-MS. **J Proteome Res** 13(3):1466-73.

COLES M, GRATTON G, FABIANI M. (1995) Event-related brain potentials. In Cacioppo JT, Tassinari LG (eds). **Principles of psychophysiology: physical, social, and inferential elements**. Cambridge: University Press.

CONDE, E. F. Q., TEIXEIRA, F., MIRANDA, A. L., (2014). Monitoramento do Tempo de Reação como estratégia de avaliação cognitiva e acompanhamento psicológico de judocas. **Ciência & Cognição**, 19(3), 325-334.

CORREIA, F. M. L., & BUENO, J. M. H. (2013). Construção e avaliação das propriedades psicométricas de um teste de percepção emocional. **XXI Congresso de Iniciação Científica da UFPE**. Recife.

COSTA, P. T. & MCCRAE, R. R. (1988). From catalog to classification: Murray's needs and the Five- Factor Model. **Journal of Personality and Social Psychology**, 55 (2), 255-265.

COSTA, P.T. JR., & MCCRAE, R.R. (1992). Revised NEO Personality Inventory (NEO-PI-R) and NEO Five-Factor Inventory (NEO-FFI) manual. Odessa, FL: **Psychological Assessment Resources**.

COSTA, P. T., JR., & WIDIGER, T. A. (1993). Introduction. Em P. T. Costa, & T. A. Widiger, (Orgs.), *Personality Disorders and the Five-Factor Model of Personality* Whashington, DC: **American Psychological Association**.

COSTA, P. T., JR., & MCCRAE, R. R. (1995). Domains and facets: Hierarchical personality assessment using the Revised NEO Personality Inventory. **Journal of Personality Assessment**, vol. 64, p. 21-50.

COSTA, P. T., JR., & MCCRAE, R. R. (2007). **NEO PI-R: Inventário de personalidade** NEO revisado e inventário de cinco fatores NEO revisado NEO-FFI-R [Versão curta]. São Paulo: Vetor Editora Psico-Pedagógica.

CUNHA, T. F. (2006). Facetas do fazer em avaliação psicológica. **Aval. psicol.** 5(1), 119-121.

CUNNINGHAM, W.A., JOHNSON, M.K., GATENBY, J.C., GORE, J.C., & BANAJI, M.R. (2003). Neural components of social evaluation. **J. Pers. Soc. Psychology**, 85, 639–649.

DANCEY, C., & REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia**. Christine P. Dancey, Jonh Reidy: tradução técnica: Lori Viali. 5° ed. Porto Alegre: Penso. 2006.

DENTALE, F., VECCHIONE, M. & BARBARANELLI, C. (2015). Applying the IAT to Assess Big Five Personality Traits: A Brief Review of Measurement and Validity Issues. **Exploring Implicit Cognition: Learning, Memory, and Social-Cognitive Processes**. Editors: Jin Z.

DE HOUWER, J., TEIGE-MOCIGEMBA, S., SPRUYT, A., & MOORS, A. (2009). Implicit measures: A normative analysis and review. **Psychological Bulletin**, 135, 347–368.7

DE RAAD, B. (2000). **The Big Five Personality Factors**: The psycholexical approach to personality. Hogrefe & Huber Publishers.

DE YOUNG, C.G. (2014). A cybernetic big five theory for personality psychology, **Personality and Individual Differences**, Pergamon.

DIAMOND, A. (2013). Executive functions. **Annual Review of Psychology**, 64, 135-168.

DIGMAN, J. M. (1990). Personality structure: Emergence of the five-factor model. In

M. R. Rosenzweig & L. W. Porter (Eds.), **Annual review of psychology**, Palo Alto, CA: Annual Reviews. vol. 41, p. 417-440.

DIJKSTERHUIS, A., & NORDGREN, L. F. (2006). A Theory of Unconscious Thought. **Perspectives on Psychological Science**, 1(2), 95–109.

DRAKE, M. M., MORRIS, D. M., & DAVIS, T. J. (2017). Neuroticism's susceptibility to distress: Moderated with mindfulness. **Personality and Individual Differences**, 106, 248–252.

DUCHEK, J. M., BALOTA, D. A., STORANDT, M., & LARSEN, R. (2007). The power of personality in discriminating between healthy aging and early-stage Alzheimer's disease. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, 62, 353–361.

EYSENCK, H. J. (1947). **Dimensions of Personality**. London: Methuen.

EPSTEIN, S. (1994). Integration of the cognitive and the psychodynamic unconscious. **American Psychologist**, 49(8), 709–724.

FAZIO, R. H. (1995). Attitudes as object-evaluation associations: determinants, consequences, and correlates of attitude accessibility. In R. E. Petty J. A. Krosnick (Eds.), **Attitude strength: antecedents and consequences**, 247-282. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

FAZIO, R. H., JACKSON, J. R., DUNTON, B. C. & WILLIAMS, C. J., (1995) Variability in Automatic Activation as an Unobtrusive Measure of Racial Attitudes: A Bona Fide Pipeline? **J. Pers. Soc. Psychology**, 69 (6), 1013-1027.

FAZIO, R. H., & OLSON, M. A. (2003). Implicit measures in social cognition research: Their meaning and use. **Annual Review of Psychology**, 54 (1), 297–327.

FETTERMAN, D. M., DEITZ, J., GESUNDHEIT, N. (2010). Empowerment evaluation: A collaborative approach to evaluating and transforming a medical school curriculum. **Academic Medicine**, 85, 813–820.

FILGUEIRAS, A., FIORAVATI-BASTOS, A. C., CHARCHAT-FICHMAN, H., CHENIAUX, E. & LANDEIRA-FERNANDEZ, J. (2012). Avaliação da ansiedade por meio do teste de associação implícita. In: **Métodos em Neurociência**, Barueri: Manole, 56-65.

FLEHMIG, H. C., STEINBORN, M., LANGNER, R., & WESTHOFF, K. (2007). Neuroticism and the mental noise hypothesis: Relationships to lapses of attention and slips of action in everyday life. **Psychology Science**, 49(4), 343–360.

FLEISCHHAUER, M., STROBEL, A., DIERS, K., & ENGE, S. (2014) Electrophysiological evidence for early perceptual facilitation and efficient categorization of self-related stimuli during an Implicit Association Test measuring neuroticism. **Psychophysiology**, 51, 142-151.

FORBES, C. E., CAMERON, K. A., GRAFMAN, J., BARBEY, A. K., SOLOMON, J., RITTER, W., ET AL. (2012). Identifying temporal and causal contributions of neural processes underlying the implicit association test (IAT). **Front. Hum. Neurosci.** 6:320.

FRANÇA, A. I. & GOMES, J. N. (2015). A técnica de ERP: investigando a assimetria sujeito- objeto na interface sintaxe-semântica com EEG. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. 3, p. 360-370.

FREITAS, L. C. DE O., TEIXEIRA, R. G. & PASQUALI, L. (2005). Base teórica para a construção de um instrumento psicológico para medir o construto conscienciosidade [Resumo]. Em Instituto Brasileiro de Avaliação Psicológica (Org.), **II Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica – Desafios para a formação, prática e pesquisa, resumos**. Gramado: IBAP.

FRIEDMAN, H. S., & SCHUSTACK, M. W. (2004). Teorias da personalidade: da teoria clássica à pesquisa moderna (B. Honorato, Trans.). São Paulo: **Prentice Hall** (Obra original publicada em 1999).

FUNDER, D. C. (2001). Personality. **Annual Review of Psychology**, 52, 197-221.

GARCIA, L. F. (2006). Teorias psicométricas da personalidade. Em C. E. Flores-Mendoza & R. Colom (Orgs.), **Introdução à psicologia das diferenças individuais** (pp. 219-242). Porto Alegre: Artmed.

GOUVEIA, V. V., ATHAYDE, R. A. A., MENDES, L. A. C., & FREIRE, S. E. A. (2012). Introdução às medidas implícitas: Conceitos, técnicas e contribuições. **Diaphora - Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul**, 12, 80-92.

GOLDBERG, L. R. (1992). The development of markers for the big-five factor structure. **Psychological Assessment**, 4(1), 26-42. Inc. 1040-3590/92

GREENWALD, A. G., & BANAJI, M. R. (1995). Implicit social cognition: Attitudes, self-esteem, and stereotypes. **Psychological Review**, 102, 4-27.

GREENWALD, A. G., MCGHEE, D. E. & SCHWARTZ, J. (1998). Measuring Individual Differences in Implicit Cognition: The Implicit Association Test. **J. Pers. Soc. Psychology**, 74, 1464- 1480.

GREENWALD, A. G., NOSEK, B. A. BANAJI, M. R. (2003) Understanding and Using the Implicit Association Test: I. An Improved Scoring Algorithm. **J. Pers. Soc. Psychology**, 85 (2), 197–216.

GRUMM, M., COLLANI, G. (2007). Measuring Big-Five personality dimensions with the implicit association test – Implicit personality traits or self-esteem? **Personality and Individual Differences**, 43, 2205-2217.

GÜNTHER, V., MATTHES, A., KERSTING, A., EGLOFF, B., & SUSLOW, T. (2016).

Alexithymia and the implicit selfconcept of extraversion in women. **Personality and Individual Differences**, 88, 21-25.

HADDOCK, G., ZANNA, M. P., & ESSES, V. M. (1993). Assessing the structure of prejudicial attitudes: The case of attitudes toward homosexuals. **Journal of Personality and Social Psychology**, 65 (6), 1105-1118.

HAIR J.R., J.F.; WILLIAM, B.; BABIN, B.; ANDERSON, R.E. **Análise multivariada de dados**. 6.ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HALL, C. S., LINDZEY, G. & CAMPBELL, J. B. (2000). **Teorias da personalidade**. 4ed. Artmed Editora, 1-592.

HAYES, A. F. & COUTTS, J. J. (2020). Use Omega Rather than Cronbach's Alpha for Estimating Reliability. But..., **Communication Methods and Measures**, 14:1,1-24, DOI: 10.1080/19312458.2020.1718629.

HEALY, G., BORAN, L. & SMEATON, A. F. (2015) Neural patterns of the implicit association test. **Frontiers in Human Neuroscience**, 9.

HENGARTNER, M. P., KAWOHL, W., HAKER, H., RÖSSLER, W., & AJDACIC-GROSS, V. (2016). Big Five personality traits may inform public health policy and preventive medicine: Evidence from a cross-sectional and a prospective longitudinal epidemiologic study in a Swiss community. **Journal of Psychosomatic Research**, 84, 44-51.

HURTADO, E., HAYE, A., GONZÁLEZ, R., MANES, F., AND IBÁÑEZ, A. (2009). Contextual blending of ingroup/outgroup face stimuli and word valence: LPP modulation and convergence of measures. **BMC Neurosci**. 10:69.

HUTCHESON, G. D., & SOFRONIOU, N. **The multivariate social scientist: Introductory statistics using generalized linear models**. London: Sage Publications.1999.

HUTZ, C. S., NUNES, C. H. S. S., SILVEIRA, A. D., SERRA, J., ANTON, M., & WIECZOREK, L. S. (1998). O desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 11(2), 395-411.

JOHN, O. P., & SRIVASTAVA, S. (1999). The Big-Five trait taxonomy: History, measurement, and theoretical perspectives. In L. A. Pervin & O. P. John (Eds.), **Handbook of personality: Theory and research** (Vol. 2, pp. 102–138). New York: Guilford Press.

KIEFER, M. (2001). Perceptual and semantic sources of category-specific effects: Event-related potentials during picture and word categorization. **Memory & Cognition**, 29, 100–116.

KOTOV, R., GAMEZ, W., SCHMIDT, F., & WATSON, D. (2010). Linking “big” personality traits to anxiety, depressive, and substance use disorders: A meta-analysis. **Psychological Bulletin**, 136(5), 768–821.

KROSNICK, J. A., JUDD, C. M., & WITTENBRINK, B. (2005). The measurement of attitudes. Em Albarracín, B. T. Johnson, & M. P. Zanna. **The handbook of attitudes**, 21-76. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

KUTAS, M., & FEDERMEIER, K. D. (2000). Electrophysiology reveals semantic memory use in language comprehension. **Trends in Cognitive Sciences**, 4, 463–470.

LAHEY, B. B. Public health significance of neuroticism. **The American Psychologist**, vol. 64, n. 4, p. 241–256, 2009.

LADRA, K., PULLMANN, H., & ALLIK, J. (2007). Personality and intelligence as predictors of academic achievement: Across-sectional study from elementary to secondary school. **Personality and Individual Differences**, 1-11.

LANE, K. A., BANAJI, M. R., NOSEK, B. A., & GREENWALD, A. G. (2007). Understanding and using the Implicit Association Test. In B. Wittenbrink & N. Schwarz (Eds.), **Implicit measures of attitudes**, 59-102. New York, NY: The Guilford Press.

LAROS, J. A. & PUENTE-PALACIOS, K. E. (2004). Validação cruzada de uma escala de clima organizacional. **Estudos de Psicologia**, 9(1), 113-119.

LAU, E. F.; PHILLIPS, S. C.; POEPEL, L. D. (2008) A cortical network for semantics: (de)constructing the N400. **Nature reviews. Neuroscience**, v. 9, n. 12, p. 920-33.

LEE, S., ROGGE, R. D., & REIS, H. T. (2010). Assessing the seeds of relationship decay using implicit evaluations to detect the early stages of disillusionment. **Psychological Science**, 21, 857-864.

LEMM, K. M., LANE, K. A., SATTLER, D. N., KHAN, S., & NOSEK, B. A. (2008). Assessing implicit attitudes with a paper-format Implicit Association Test. In T. G. Morrison & M. A. Morrison (Eds.), **The psychology of modern prejudice**, 123-146. Hauppauge, NY: New Science.

LIRA, C. L. O. B. (2017) **Construção e Busca de Evidências de Validade para um Instrumento de Avaliação da Regulação Emocional**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco.

LUNDIN, R. W. (1977). **Personalidade: Uma análise do comportamento**. São Paulo: EPU.

MACCANN, C., JOSEPH, D. L., NEWMAN, D. A. & ROBERTS, R. D. (2014). Emotional Intelligence Is a Second-Stratum Factor of Intelligence: Evidence From

Hierarchical and Bifactor Models, **Emotion**, 14(2), 358–374.

MANSUR-ALVES, MARCELA, & FLORES-MENDOZA, CARMEN. (2009). Estabilidade temporal e correlatos desenvolvimentais do traço de neuroticismo em crianças em fase escolar. **Psicologia em Estudo**, 14(4), 807-815.

MAROCO, J., & GARCIA-MARQUES, T. Qual a fiabilidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas? **Laboratório de Psicologia**, I.S.P.A.vol. 4, n.1, p.65-90. 2006.

MCADAMS, D. P., & PALS, J. L. (2007). The role of theory in personality research. In R. W. Robins, R. C. Fraley, & R. F. Krueger (Eds.), **Handbook of research methods in personality psychology** (p. 3–20). The Guilford Press.

MCCONAHAY, J. B. (1986). **Modern Racism**, Ambivalence, and the Modern Racism Scale. In J.

F. DOVIDIO & S. L. GAERTNER (EDS.), *Prejudice, Discrimination, and Racism* (pp. 91- 125). San Diego, CA **Academic Press**.

MCCRAE, R.R., & JOHN, O.P. (1992). An introduction to the five-factor model and its applications. **Journal of Personality**, 60, 175–215.

MCCRAE, R. R. (2006). O que é personalidade? In: Carmen Flores-Mendoza; Roberto Colom. (Org.). **Introdução à Psicologia das Diferenças Individuais**. 189-200. Porto Alegre: ArtMed.

MCDANIEL, M. J., BEIER, M. E., PERKINS, A.W., GOGGIN, S., AND FRANKEL, B. (2009). An assessment of the fakeability of self-report and implicit personality measures. **J.Res. Pers.** 43, 682–685.

MAYER, J. D. & SALOVEY, P. (1997). What is emotional intelligence? In: P. Salovey & D. J. Sluyter (Eds.). **Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators**, (pp3-31). New York: Basic Books.

MEYER, G. J., & KURTZ, J. E. (2006). Advancing personality assessment terminology: time to retire “objective” and “projective” as personality test descriptors. **J. of Pers. Assess.**, 87, (3), 223-225.

MOFFITT T.E., CASPI A, HARRINGTON H., MILNE B.J., MELCHIOR M., GOLDBERG D., POULTON R. (2007). Generalized anxiety disorder and depression: Childhood risk factors in a birth cohort followed to age 32. **Psychological Medicine**, 37, 441–452.

MUNOZ, E., SLIWINSKI, M. J., SMYTH, J. M., ALMEIDA, D. M., & KING, H. A. (2013). Intrusive thoughts mediate the association between neuroticism and cognitive function. **Personality and Individual Differences**, 55(8), 898–903.

NAVRADY, L. B., ADAMS, M. J., CHAN, S. W. Y., RITCHIE, S. J., MCINTOSH, A. M., & Major Depressive Disorder Working Group of the Psychiatric Genomics

Consortium. (2018). Genetic risk of major depressive disorder: The moderating and mediating effects of neuroticism and psychological resilience on clinical and self-reported depression. **Psychological Medicine**, 48(11), 1890–1899.

NEDERKOORN, C. BRAET, C., VAN EJI, Y., TANGHE, A. JANSEN, A. (2006) Why obese children cannot resist food: the role of impulsivity. **Eat Behav.** Nov;7(4):315-22.

NOCK, M. K., PARK, J. M., FINN, C. T., DELIBERTO, T. L., DOUR, H. J., & BANAJI, M. R. (2010). Measuring the Suicidal Mind: Implicit Cognition Predicts Suicidal Behavior. **Psychological Science**, 21, 511-517.

NORONHA, A. P. P.; FREITAS, F. A.; SARTORI, F. A. & OTTATI, F. (2002). Informações contidas nos manuais de testes de personalidade. **Psicologia em Estudo**, 7(1), 143-149.

NORONHA, A. P. P. & VENDRAMINI, C. M. M. (2003). Parâmetros psicométricos: estudo comparativo entre testes de inteligência e de personalidade. **Psicologia Reflexão e Crítica**, 16, 177-182.

NOSEK, B. A., BANAJI, M., & GREENWALD, A. G. (2002). Harvesting implicit group attitudes and beliefs from a demonstration web site. **Group Dynamics: Theory, Research, and Practice**, 6 (1), 101.

NOSEK, B.A., GREENWALD, A. G., & BANAJI, M. R. (2007). The Implicit Association Test at age 7: A methodological and conceptual review. In J. A. Bargh (Ed.), **Automatic processes in social thinking and behavior**. Psychology Press. (265–292).

NUNES, C. H. S. S. & HUTZ, C. S. (2002). O modelo dos Cinco Grandes Fatores de Personalidade. Em R. Primi (Org.), **Temas em avaliação psicológica** (pp. 40-49). São Paulo: Casa do Psicólogo.

NUNES, C. H. S. S. & HUTZ, C. S. (2007A). **Escala Fatorial de Extroversão – Manual técnico**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

NUNES, C. H. S. S. & HUTZ, C. S. (2007B). **Escala Fatorial de Socialização – Manual técnico**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

NUNES, C. H. S. HUTZ, C. S. & GIACOMONI, C. H. (2009). Associação entre bem estar subjetivo e personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. **Avaliação. Psicológica**, 8(1), 99- 108.

NUNES, C. H. S. S. HUTZ, C. S. & NUNES, M. F. O. (2010). **Bateria Fatorial de Personalidade (BFP): Manual técnico**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

OLIVEIRA M. & MIRANDA, M. (2012). Paradigma: Teste de Associação Implícita. **ISPA – Instituto Universitário, Laboratório de Psicologia**, 10 (2), 235-249.

OSTENDORF, F., & ANGLEITNER, A. (2004). NEO-Persönlichkeitsinventar nach

Costa und McCrae: NEO-PI-R ; **Manual Revidierte Fassung**. Göttingen: Hogrefe.

O'TOOLE, C., & BARNES-HOLMES, D. (2009). Electrophysiological activity generated during the implicit association test: A study using event-related potentials. **Psychological Record**, 59, 207–219.

PASQUALI, L. (2003). **Psicometria: Teoria dos testes na psicologia e na educação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Ed.Vozes.

PERVIN, A. L. (1978) **Personalidade: teoria, avaliação e pesquisa**. Tradução Eliana Araujo Nogueira do Vale et al. São Paulo: EPU.

PERVIN, L. A. & JOHN, O. P. (2004). **Personalidade: Teoria e pesquisa**. Trad. Ronaldo Cataldo Costa, 8ª ed. Porto Alegre: Artmed.

PIMENTEL, C. E. & DONNELL, E. D. O. P. (2008). A relação da preferência musical com os cinco grandes fatores da personalidade. **Psicologia Ciência e Profissão**, 28(4), 696-713.

PINTO, A. C. (2001). Memória, cognição e educação: Implicações mútuas. In B. Detry e F. Simas (Eds.), **Educação, cognição e desenvolvimento: Textos de psicologia educacional para a formação de professores** (17-54). Lisboa: Edinova.

PLUTCHIK, R. (2002). **Emotions and life: perspectives from psychology, biology and evolution**. Washington, DC: American Psychological Association.

POLICH, J. (2007). Updating P300: An Integrative Theory of P3a and P3b. **Clin Neurophysiol**. 118(10): 2128–2148.

POROPAT, A. (2009). A meta-analysis of the five-factor model of personality and academic performance. **Psychological Bulletin**, 135(2), 322-338.

PRIMI, R., & ALMEIDA, L.S. (1998). **Baterias de Provas de Raciocínio – BPR-5**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

PRIMI, R.; ALMEIDA, L. S. (2000). Estudo de Validação da Bateria de Provas de Raciocínio (BPR-5). **Psicologia: Teoria e pesquisa**. Brasília, v. 16, n. 2, p. 165-173.

PRINZIE, P. DEKOVIC, M. REIJNTJES, A. H. A. STAMS, G. J. J. M. & BELSKY, J. (2009). The Relations Between Parents' Big Five Personality Factors and Parenting: A Meta- Analytic Review. **Journal of Personality and Social Psychology**, 97(2), 351–362.

PSARROS, C., THELERITIS, C., KOKRAS, N., LYRAKOS, D., KOBOZOROS, A., KAKABAKOU, O., TZANOULINOS, G., KATSIKI, P., & BERGIANNAKI, J. D. (2017). Personality characteristics and individual factors associated with PTSD in firefighters one month after extended wildfires. **Nordic Journal of Psychiatry**, 72 (1), 17-23.

- REBOLLO, I. & HARRIS, J. R. (2006). Genes, ambiente e personalidade. In C.E. Flores-Mendoza & R. Colom. **Introdução à Psicologia das diferenças individuais**, 300-322. Porto Alegre: Artmed.
- RIBAS JR, R. C., MOURA, M. L. S., & HUTZ, C. S. (2004). Adaptação brasileira da Escala de Desejabilidade Social de Marlowe-Crowne. **Avaliação Psicológica**, 3(2), 83-92.
- RUEDA, F. J. M., & SISTO, F. F. (2009b). **Teste de atenção concentrada - TEACO-FF. Manual**. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- RUEDA, F. J. M.; SISTO, F. F. (2007). **Teste Pictórico de Memória**. Manual. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica Ltda.
- RYDELL, R. J., MCCONNELL, A. R., & MACKIE, D. M. (2008). Consequences of discrepant explicit and implicit attitudes: Cognitive dissonance and increased information processing. **Journal of Experimental Social Psychology**, 44, 1526-1532.
- SANTANA, L. B., GUIMARAES, P. R. B., & BUENO, J. M. H. (2013) Estudos Psicométricos do Teste de Compreensão Emocional pautados na Teoria de Resposta ao Item (TRI). **Anais do VI Congresso Brasileiro de Avaliação Psicológica / IX Congresso Iberoamericano de Diagnóstico y evolución psicológica**, Maceió, AL, Brasil p. 151.
- SANTOS, A. A. A., SISTO, F. F., & MARTINS, R. M. M. (2003). Estilos cognitivos e personalidade: um estudo exploratório de evidências de validade. **Psico-USF**, 8(1), 11-19.
- SAUER-ZAVALA, S., WILNER, J. G., & BARLOW, D. H. (2017). Addressing neuroticism in psychological treatment. **Personality Disorders: Theory, Research, and Treatment**, 8(3), 191–198.
- SCHNABEL, K., ASENDORPF, J. B., & GREENWALD, A. G. (2006). Implicit Association Tests: A landmark for the assessment of implicit personality self-concept. **British J. Soc. Psychol.**, 45, 373–396.
- SCHMITT, D. P., ALLIK, J., MCCRAE, R. R., & BENET-MARTÍNEZ, V. (2007). The Geographic Distribution of Big Five Personality Traits: Patterns and Profiles of Human Self-Description Across 56 Nations. **Journal of Cross-Cultural Psychology**, 38(2), 173–212.
- SCHRÖDER-ABÉ, M., RUDOLPH, A., WIESNER, A., & SCHÜTZ, A. (2007). Self-esteem discrepancies and defensive reactions to social feedback. **International Journal of Psychology**, 42(3), 174–183.
- SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **História da Psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 2002.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. **Teorias da Personalidade**. São Paulo: Thomson Learning Edições, 2006.

SERVAAS, M. N., VAN DER VELDE, J., COSTAFREDA, S. G., HORTON, P., ORMEL, J., RIESE, H., ET AL. (2013). Neuroticism and the brain: a quantitative meta-analysis of neuroimaging studies investigating emotion processing. **Neurosci. Biobehav. Rev.** 37, 1518–1529.

SHINER, R., & CASPI, A. (2003). Personality differences in childhood and adolescence: measurement, development, and consequences. **J Child Psychol Psychiatry**. Jan;44(1):2-32.

SHIFFRIN, R. M., & SCHNEIDER, W. (1977). Controlled and automatic human information processing: II. Perceptual learning, automatic attending and a general theory. **Psychological Review**, 84(2), 127-190.

SILVA, I. B., & NAKANO, T. C. (2011). Modelo dos cinco grandes fatores da personalidade: análise de pesquisas. **Avaliação Psicológica**, 10(1), 51-62.

SISTO, F. F. & OLIVEIRA, A. F. (2007). Traços de personalidade e agressividade: Um estudo de evidência de validade. **Psic**, 8(1), 89-99.

SPRINGER, S. P.; DEUTSCH, G. (1998). Hemisfericidade, educação e estados alterados. In: **Cérebro esquerdo, cérebro direito**. São Paulo: Summus editorial.

STRACK, F. AND DEUTSCH, R. (2004) Reflective and impulsive determinants of social behavior, **Personality and Social Psychology Review**, 8(3): 220–47.

SUTIN A.R., BEASON-HELD L.L., DOTSON V.M., RESNICK S.M., COSTA P.T., JR. (2010). The Neural Correlates of Neuroticism Differ by Sex and Prospectively Mediate Depressive Symptoms Among Older Women. **J Affect Disord**. 127:241–7.

SUSLOW, LINDNER, KUGEL, EGLOFF & SCHUMUKLE (2014) **Psychiatry Res**. 2014 Aug 30;218(3):272-6.

TACIKOWSKI, P., AND NOWICKA, A. (2010). Allocation of attention to selfname and self-face: an erp study. **Biol. Psychol.** 84, 318–324.

TAKAHASHI K, ET AL. (2015) Regulation of Proteasomal Degradation by Modulating Proteasomal Initiation Regions. **ACS Chem Biol** 10(11):2537-43.

TAGLIABUE, M., ZORZI, M., UMILTÁ, C., & BASSIGNANI, F. (2000). The role of long-term-memory and short-term-memory in the Simon effect. **J. Exp. Psychol: Hum Percept Perform.**, 648-670.

TANG, J. H., CHEN, M. C., YANG, C. Y., CHUNG, T. Y., & LEE, Y. A. (2016). Personality traits, interpersonal relationships, online social support, and Facebook addiction. **Telematics and Informatics**, 102–108.

TERRACCIANO, A., COSTA JR., P. T. & MCCRAE, R. R. (2006). Personality

Plasticity After Age 30. **Pers Soc Psychol Bull.** 32(8): 999–1009.

TRENTINI, C. M., HUTZ, C. S., BANDEIRA, D. R., TEIXEIRA, M. A. P., GONÇALVES, M. T. A. & THOMAZONI A. R. (2009). Correlações entre a EFN - Escala Fatorial de Neuroticismo e o IFP - Inventário Fatorial de Personalidade. **Avaliação Psicológica**, 8(2), 209-217.

TSAI, H. F., CHENG, S. H., YEH, T. L., SHIH, C. C., CHEN, K. C., YANG, Y. C., & YANG, Y. K. (2009). The risk factors of internet addiction—A survey of university freshmen. **Psychiatry Research**, 167, 294–299.

VASCONCELOS, T. C.; GOUVEIA, V. V.; PIMENTEL, C. E. & PESSOA, V. S. (2008). Condutas desviantes e traços de personalidade: testagem de um modelo causal. **Estudos de Psicologia**, 25(1), 55-65.

VASKE, J. J., BEAMAN, J., & SPONARSKI, C. C. (2017). Rethinking internal consistency in Cronbach's alpha. **Leisure Sciences**, 39(2), 163–173.

VEIGA H, DESLANDES A, CAGY M, MCDOWELL K, POMPEU F, PIEDADE R, RIBEIRO P. (2004). Visual event-related potential (P300): a normative study. **Arq Neuropsiquiatr.** 62(3A):575-81.

VILLEMOR-AMARAL, A. E., & PASQUALINI-CASADO, L. (2006). A cientificidade das Técnicas Projetivas em Debate. **Psico-USF**, 11, (2), 185-193.

WATSON, D., & CASILLAS, A. (2003). Neuroticism: Adaptive and maladaptive features. In E. C. Chang & L. J. Sanna (Eds.), *Virtue, vice, and personality: The complexity of behavior*. (pp. 145–161). Washington, DC: **American Psychological Association**.

WEINSTOCK, L. M., & WHISMAN, M. A. (2006). Neuroticism as a common feature of the depressive and anxiety disorders: A test of the revised integrative hierarchical model in a national sample. **Journal of Abnormal Psychology**, 115(1), 68-74.

WIDIGER, T. A. (2009). Neuroticism. En M. R. Leary & R. H. Hoyle (Eds.), **Handbook of individual differences in social behavior** (pp. 129-146). New York; Guilford Press.

WIDIGER, T. A. & OLTMANN, J. R. (2017). Neuroticism is a fundamental domain of personality with enormous public health implications. **World Psychiatry**, 16 (2), 144–145.

WILLIAMS, P. G., SUCHY, Y., & KRAYBILL, M. L. (2010). Five-Factor Model personality traits and executive functioning among older adults. **Journal of Research in Personality**, 44, 485–491.

WILLIAMS, J. K., & THEMANN, J. R. (2011). Neural correlates of the implicit association test: Evidence for semantic and emotional processing. **Social and Cognitive Affective Neuroscience**, 6, 468–476.

WILSON, T. D., LINDSEY, S., & SCHOOLER, T. Y. (2000). A model of dual attitudes. **Psychological Review**, 107(1), 101–126.

WILSON, R. S., EVANS, D. A., BIENIAS, J. L., MENDES DE LEON, C. F., SCHNEIDER, J. A., & BENNETT, D. A. (2003). Proneness to psychological distress is associated with risk of Alzheimer's disease. **Neurology**, 61, 1479–1485.

WITTENBRINK, B., & SCHWARZ, N. (2007). **Implicit measures of attitudes**. New York: Guilford Press.

XU Y., LI Y., DING W., LU F. (2014). Controlled versus automatic processes: Which is dominant to safety? The moderating effect of inhibitory control. **PLoS ONE**, 9 (2).

APÊNDICE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário da pesquisa "Avaliação do neuroticismo pelo processamento cognitivo implícito", que está sob a responsabilidade da pesquisadora Débora Alves de Amorim no endereço Rua Doutor João Pessoa, Centro, Petrolina – PE CEP: 56302-180 (telefones: [87] 9 9995-7054, e-mail: alvesamorimdebora@gmail.com), sob orientação de José Maurício Haas Bueno (telefone: [81] 8614-6550. E-mail: mauricio.ufpe@gmail.com). Esta pesquisa tem como finalidade desenvolver um instrumento computadorizado para avaliação do traço de personalidade neuroticismo. Este Termo de Consentimento pode conter alguns tópicos que o/a senhor/a não entenda. Caso haja alguma dúvida, pergunte à pessoa a quem está lhe entrevistando, para que o/a senhor/a esteja bem esclarecido (a) sobre tudo que está respondendo. Em caso de recusa para participar o (a) Sr. (a) não será penalizado (a) de forma alguma. Também garantimos que o (a) Senhor (a) tem o direito de interromper sua participação e retirar o consentimento dado em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer penalidade. Ao participar deste estudo você será convidado a responder a um conjunto de perguntas de caráter pessoal seguindo uma instrução específica. Sua participação é voluntária e se dará em apenas um encontro, com duração de aproximadamente 40 minutos. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa, entrando em contato com os pesquisadores pessoalmente ou através dos telefones e endereços eletrônicos supracitados. Os riscos para o seu bem estar são mínimos e é de responsabilidade do pesquisador zelar por sua integridade. Existe um risco de constrangimento ao participante devido à exposição de suas opiniões, sendo este minimizado pelo sigilo

de sua identidade. Caso algum incômodo psicológico seja gerado pela pesquisa, pedimos que abandone a tarefa e entre em contato com a pesquisadora que será a psicóloga responsável em atendê-lo em uma escuta psicológica. Como benefício da sua participação, a resposta ao questionário da pesquisa possibilitará a reflexão a respeito de aspectos psicológicos importantes para a sua vida cotidiana. As informações dos participantes desta pesquisa são confidenciais e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas, não havendo identificação dos voluntários, a não ser entre os responsáveis pelo estudo, sendo assegurado o sigilo sobre a sua participação. Os dados gerados nesta pesquisa (folhas de resposta e resultados de testes) serão de responsabilidade dos pesquisadores, os quais manterão todo o material arquivado no Núcleo de Estudos em Avaliação Psicológica (NEAP), localizado na Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da UFPE, Av. Acadêmico Hélio Ramos, s/n, Cidade universitária, Recife-PE. CEP. 50.670-901, pelo período de 5 anos. Em caso de dúvidas em relação aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da UFPE no endereço: Avenida da Engenharia s/n –1º Andar, sala 4 - Cidade Universitária, Recife - PE, CEP: 50740-600. Tel.: (81) 2126.8588, e-mail: cepccs@ufpe.br.

**Após ler o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, responda abaixo:
Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida,
manifesto meu interesse em participar da pesquisa.**

Participante

Testemunha 1

Testemunha 2